

Sandra Regina Giraldelli

SANTA OLÍMPIA E SANTANA: TRAJETÓRIA SOCIAL E MEMÓRIA

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Departamento de Ciências Sociais
do Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Estadual de
Campinas sob orientação da
Professora Doutora Maria de
Nazareth Baudel Wanderley.

[Faint handwritten text, possibly a signature or date]

[Handwritten signature]

Março/1992

G442 s

16641/BC

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

AGRADECIMENTOS

A professora Maria de Nazareth Baudel Wanderley, orientadora dessa dissertação, pelas discussões e dedicação que permitiram o aprimoramento deste trabalho.

A CAPES e FAPESP que, através de bolsas de pesquisa a mim concedida, possibilitaram a realização dessa dissertação.

Aos moradores de Santa Olímpia e Santana, pela atenção com que me receberam em suas casas e, principalmente à Silvério e Marlene que acompanharam o desenvolvimento do trabalho e auxiliaram quanto ao levantamento de material.

INDICE

	pág.
INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I - A DECISÃO DE PARTIR	06
1.1. Processos geradores da imigração	08
1.2. A decisão de emigrar de um grupo tirolês	12
1.3. A construção de uma nova vida no Brasil	17
Notas	31
CAPÍTULO II - SANTA OLÍMPIA E SANTANA: CONSTITUIÇÃO DE UMA COMUNIDADE	33
2.1. Fazenda Santa Olímpia	35
2.2. Fazenda Santana	39
2.3. A coesão do grupo	43
Notas	56
CAPÍTULO III - RUPTURA CULTURAL	58
3.1. A região de Piracicaba	60
3.1.1. O Estatuto da Lavoura Canavieira e os fornecedores de cana	66
3.2. Transformações ocorridas no grupo	69
3.2.1. Modificações culturais	74
Notas	79
CAPÍTULO IV - REPENSANDO AS ORIGENS	81
4.1. Modo de vida atual	83
4.2. Atividades culturais	86
4.2.1. Grupo de música	91
4.2.2. Grupo de dança	93
4.3. Intercâmbio Cultural	95
4.4. Formação de uma memória coletiva	103
Notas	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS	111

ANEXOS	118
ANEXO I - Cronologia Histórica	119
ANEXO II - Localização da Província de Trento	122
ANEXO III - Localização dos bairros de Santa Olímpia e Santana	123
ANEXO IV - Passaporte de Bortolo Vitti	125
ANEXO V - O dialeto	127
ANEXO VI - Brasão do Circolo Trentino di Piracicaba	128
ANEXO VII - Apresentação de danças típicas no bairro de Santana	129
ANEXO VIII - Comemoração dos 110 anos de imigração ao Brasil	130
ANEXO IX - Grupo de dança folclórica de Santa Olímpia	131
ANEXO X - O traje tirolês	133
ANEXO XI - A culinária tirolesa	134
BIBLIOGRAFIA	135

I N T R O D U Ç Ã O

INTRODUÇÃO

Este estudo se refere à reconstrução da trajetória social de um grupo de descendentes de imigrantes tirolezes, provenientes da região do Tirol - fronteira Austria/Itália - em 1877, e atualmente estabelecidos nos bairros de Santa Olímpia e Santana, município de Piracicaba, São Paulo.

O estudo aborda a recuperação da história do grupo, desde o ato da imigração até o momento atual. Esse quadro histórico fornece a base para a compreensão dos fatores sociais e econômicos que permearam a sua trajetória, a partir dos quais tentamos traçar um perfil de como se deu a construção de uma memória coletiva, elaborada a partir das lembranças e tradições passadas através das gerações. Dessa forma, procuramos delinear como o grupo criou, durante o período de mais de um século, novas condições para a preservação da memória e das tradições tirolezas, e que permitem atualmente a integração desses bairros e a conservação cultural do grupo.

A trajetória social do grupo de tirolezes foi analisada a partir de três aspectos, através dos quais procuramos compreender o desenvolvimento da memória, os fatores de coesão e desestruturação do grupo e suas expectativas atuais com relação à proposta de manutenção de sua cultura.

Primeiramente, tentamos observar, a nível geral, a questão da memória: quais valores sociais foram mantidos e como ocorreu a formação de uma "memória coletiva" no grupo. Aqui, tentamos reconstituir como foram os primeiros tempos e

o que o grupo preservou das histórias contadas pelos seus antepassados, objetivando a compreensão do que foi modificado e o que permaneceu dessas lembranças.

Outro ponto analisado se refere à questão da terra: a herança, as divisões ocorridas nas fazendas, o processo produtivo e as dificuldades enfrentadas. Analisamos a inserção do grupo no processo econômico da região de Piracicaba e a influência desse processo na permanência/desagregação do grupo.

Tentamos também caracterizar o modo de vida do grupo: as relações familiares, o casamento, o trabalho familiar, a religião. Baseados na estrutura familiar - e suas relações - e na religião, o grupo criou uma concepção de vida e de mundo que permanece nas diversas gerações e que auxilia na permanência dos bairros.

Para o desenvolvimento da pesquisa realizamos um trabalho junto aos bairros de Santa Olímpia e Santana, através de entrevistas com os moradores e pessoas influentes no local. Também nos utilizamos de documentos guardados pelos descendentes tirolezes.

O método escolhido foi a História Oral onde, através dos relatos de vida dos entrevistados, captamos melhor o seu mundo, as suas relações, as suas lembranças.

" A história oral pode captar a experiência efetiva dos narradores, mas também recolhe destes tradições e mitos, narrativas de ficção, crenças existentes no grupo, assim como relações que contadores de história, poetas, cantadores inventam num momento dado. Na verdade tudo quanto se narra oralmente é história, seja a história de alguém, seja a história de um grupo, seja história

real, seja ela mítica". (Von Simson, 1988:19)

Procuramos registrar tudo aquilo que lhes foi transmitido em sua vivência no grupo, tanto no que se refere ao passado quanto ao seu cotidiano. A história oral permite ao narrador relatar a sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou. Dessa forma, ultrapassamos o caráter individual do que é transmitido e captamos o grupo, a sociedade da qual o entrevistado faz parte, buscando a coletividade através do indivíduo.

" ... o indivíduo cresce num meio sócio-cultural e está profundamente marcado por ele. Sua história de vida se encontra, pois, a cavaleiro de duas perspectivas: a do indivíduo com sua herança biológica e suas peculiaridades, a de sua sociedade com sua organização e seus valores específicos . . . A história de vida é, portanto, técnica que capta o que sucede na encruzilhada da vida individual com o social." (Von Simson, 1988:35)

Inicialmente, escolhemos descendentes de tirolezes que, através de suas experiências de vida, nos forneceram uma visão geral das principais fases do grupo, da chegada dos imigrantes até o momento atual. Assim, contactamos as pessoas mais idosas, que pertencem à terceira e quarta gerações, ou seja, netos e bisnetos das primeiras famílias imigrantes, ainda em condições de se lembrar das histórias de seus avós, da vida nos primeiros tempos e das mudanças que presenciaram no grupo.

A segunda fase se dirigiu às gerações seguintes, na faixa aproximada de trinta a cinquenta anos, que presenciaram as transformações mais profundas. Muitas delas

já deixaram as tradições, deixaram o trabalho agrícola e atualmente trabalham nas cidades. Aqui tentamos perceber o que mudou na sua educação e qual a visão que essa geração possui da história do grupo.

Por último, entrevistamos os jovens sobre seus antepassados e a realidade do bairro hoje: muitos lutam pela volta das tradições e relatam suas expectativas com relação ao futuro da comunidade.

Através da experiência de vida dessas gerações, partindo dos mais idosos aos mais jovens, procuramos confrontar seus pensamentos e analisar sua história. Assim, procuramos chegar a uma visão ampla do processo em que ocorreram as transformações e inter-relações na comunidade tirolesa.

Trabalhar com essas memórias permite ao pesquisador um enriquecimento maior do referencial teórico, bem como a possibilidade de estar inovando e questionando continuamente o processo de pesquisa à medida que se lida com o geral e o particular, através das histórias de vida que se apresentam como um todo.

Esse processo fica bem claro nas palavras de Cipriani: "... o tempo passado pode ser recuperado com a finalidade de obter-se uma melhor compreensão do futuro, superando-se o presente. O sociólogo vai, portanto, apreender numa história de vida as visões do mundo, indistintas e fascinantes, para fixá-las em um esquema de análise, em um quadro de interpretação do social. Trata-se justamente de olhar o 'pequeno mundo' com o objetivo de falar do 'grande mundo', ou seja, olhar o indivíduo e sua família para interpretar a comunidade e a sociedade." (In: Von Simson, 1988:137)

C A P Í T U L O I
A DECISÃO DE EMIGRAR

CAPÍTULO I - A DECISÃO DE EMIGRAR

No final do século XIX, um grupo familiar que habitava a região do Tirol - Província de Trento/Austria -, resolveu deixar sua aldeia e se dirigiu para o Brasil. A partir desse momento, esse grupo construiu uma trajetória específica e se organizou em comunidade, preservando sua cultura e estreitando as relações entre si. Nosso objetivo foi o de reconstituir sua trajetória no país adotado, desde a sua chegada até o momento atual, recorrendo às lembranças preservadas por seus descendentes, principalmente através de depoimentos das gerações futuras.

Neste capítulo pretendemos resgatar as possíveis causas da saída desse grupo de suas aldeias tirolezas e a escolha do Brasil para sua fixação, atraídos por promessas de um futuro feliz. Procuramos discutir as causas geradoras da expulsão de milhares de pessoas da Europa no século passado, pois emigrar para uma terra estranha nem sempre expressa uma escolha espontânea, mas se situa dentro de um contexto mais amplo pelo qual passou a Europa no século passado - o processo de implantação do sistema capitalista.

No Brasil, cresceu entre os fazendeiros do estado de São Paulo o debate sobre a questão do trabalho. Tornava-se cada vez mais presente a necessidade de mão de obra para as lavouras cafeeiras em substituição ao trabalho escravo, voltando-se os fazendeiros para a utilização de mão de obra livre, baseada principalmente no imigrante europeu.

Abordamos a construção de uma nova vida desse grupo de tirolezas no Brasil, processo que se traduziu em

motivo de orgulho para seus descendentes, devido à coragem e ousadia de seus antepassados em abandonar seus lares e parentes para enfrentar o desconhecido.

1.1. PROCESSOS GERADORES DA IMIGRAÇÃO

A introdução do sistema capitalista de produção e a conseqüente liquidação do feudalismo, provocou sérios abalos político-sociais na Europa Ocidental durante o século XIX. Esse processo não foi homogêneo nos diversos países e, em casos como o da Itália, provocou graves desequilíbrios regionais e sociais, causando a saída de milhares de indivíduos a procura de novas terras para se fixarem (1).

A Unificação Política na Itália, obtida em 1870, se caracterizou pela vitória do capitalismo imposto a todo o país através da construção de um Estado moderno. Trata-se de um remanejo de forças detentoras do poder, onde a região Norte - mais desenvolvida e industrial - impõe a sua necessidade de expansão frente aos mercados europeus a todas as outras regiões, principalmente o Sul, agrário e menos desenvolvido.

"A política oficial, depois da Unificação, agravou as desigualdades que caracterizavam os diversos Estados em que se dividia a Península até 1860, dos quais os principais eram o Reino da Sardenha, o Lombardo-Vêneto dominado pela Austria, o Grão-Ducado da Toscana, o Estado Pontifício e o Reino das Duas Sicílias ou de Nápoles, além de outros menores. As regiões do Norte eram econômica e socialmente mais

adiantadas, o que se devia não só às diferentes condições naturais e históricas, mas também à existência de uma classe média mais empreendedora ..." (Ianni, 1972:70)

A desestruturação maior ocorreu no meio rural devido ao esfacelamento do sistema agrário-artesanal. A penetração capitalista no campo provocou a concentração da propriedade rural e a oferta de produtos mais baratos no mercado, eliminando a concorrência do pequeno produtor. Por outro lado, altas taxas de impostos o impeliu ao endividamento e à conseqüente transformação desses camponeses em mão de obra para a indústria nascente.

Contribuiu para a crise social italiana o lento desenvolvimento industrial que impossibilitava a absorção da mão de obra crescente e, no plano internacional, soma-se a crise agrária - "grande depressão" - no período de 1873 a 1895, provocando lutas acirradas pela disputa de mercados consumidores. Dessa forma, os pequenos produtores foram os mais lesados pois o governo oferecia facilidades econômicas beneficiando os grandes produtores agrícolas.

Enquanto isso, os minifúndios, cada vez menores, eram incapazes de garantir a sobrevivência familiar, sendo necessário arrendar outras minúsculas propriedades para sobreviver. "Em conseqüência, o pequeno produtor agrícola perdeu a sua fatia no mercado interno e começou a deixar o campo, batido pelos competidores mais poderosos." (Alvim, 1986:34)

O nível da população deteriora-se, há excesso de pessoas no campo e a cidade não tem condições de absorvê-las:

"... A médio prazo, parecia que a Itália teria que optar entre duas soluções: a de reformas de base - modificando principalmente o sistema fundiário e a distribuição dos encargos sociais - e a revolução de cunho socialista. Em vez de uma destas alternativas, surgiu, porém, a emigração em grande escala, permitindo à classe dirigente manter e mesmo aumentar seus privilégios, enquanto os pobres rumavam, em número incalculável, para outros países, principalmente de além-mar." (De Boni & Costa, 1984:53)

A emigração sempre existiu nos países europeus, a procura de melhores empregos ou em casos extremos de mudanças sociais geradas por problemas internos ou externos. Na Itália, a emigração transformou-se na solução de seus problemas conjunturais mais imediatos, tornando-se a maior fornecedora de mão de obra barata do século XX, e o Estado foi seu grande empreendedor. A emigração viabilizou o processo de consolidação do capitalismo e manteve a ordem social, deixando a Itália livre da oposição que deveria enfrentar com relação à miséria e à catástrofe social, colocadas naquele momento.

Segundo Ianni, haviam vários interesses que envolviam a emigração e foram sendo delineados através dos anos. Do ponto de vista econômico, o aliciamento de mão de obra para o exterior acontecia até nas menores aldeias através dos agentes e sub-agentes da emigração; havia o interesse das Companhias de Navegação e, aliadas a elas, os Bancos. Finalmente, o resultado dessa emigração favoreceu o

turismo, os fretes marítimos e as remessas enviadas pelos emigrantes ao país de origem, beneficiando os grupos políticos e econômicos que desfrutam dos benefícios resultantes daqueles que partem (1972:21-5).

Do ponto de vista político, a emigração funcionou como "válvula de segurança", pois permitiu a sobrevivência de determinadas condições sócio-econômicas e políticas. Em vez da greve, da revolução, da reforma agrária, a emigração levou para fora do país os descontentes, os desempregados, etc e consolidou o poder nas mãos dos grupos conservadores tradicionais (Ianni, 1972:188).

Portanto, o processo da Unificação Nacional da Itália resultou de acordos políticos entre a burguesia nascente e a classe dominante - grandes proprietários latifundiários, semifeudais - buscando o desenvolvimento e a industrialização do país, com a finalidade de penetrar na economia de mercado internacional. Esse processo gerou um contingente de mão de obra barata, expulsa da agricultura, incapaz de ser absorvida pelas indústrias.

Zuleika Alvim assim definiu a situação das classes subalternas:

"Nas regiões em que a indústria se desenvolveu ocorreu a proletarização da mão de obra expulsa do campo. Onde o embrião industrial não vingou, deu-se a emigração temporária, obrigando pequenos e médios proprietários, para se manterem, a enviar um ou mais membros da família para trabalhar como operário ou mesmo camponês em outros países, em geral europeus; e,

finalmente, a emigração definitiva, ou de 'grande duração', manifestou-se nas regiões onde os resíduos feudais acentuados impediam qualquer mudança estrutural. Neste caso, a única saída para o excedente populacional foi a diáspora." (1986:27)

Porém, segundo a autora, a decisão de emigrar não se constituiu apenas pela busca de novas terras ou melhores condições de sobrevivência, mas uma forma de resistência à penetração do capitalismo no campo, contra a proletarianização, uma recusa à continuidade da exploração.

1.2 - A DECISÃO DE EMIGRAR DE UM GRUPO TIROLÊS

Em finais do século XIX, a Província de Trento, então pertencente ao Império Austro-Húngaro, passava por sérias dificuldades. As contínuas guerras que assolavam a região, resquícios das lutas napoleônicas ou ocasionadas pela Unificação Política da Itália, ameaçava a população devido a falta de terras, trabalho e a fome (2).

Em 1876, diante desse contexto, um grupo de camponeses de Meano, situada nos Alpes Tiroleses - Província de Trento - articula uma solução para sair da situação de miséria em que se encontra. Eram famílias de baixa renda, numerosas, que dividiam suas atividades entre a pequena propriedade - cultivando trigo, batatas e uvas ou cuidando do gado - e/ou trabalhando como operários em minas localizadas próximas à aldeia, na extração de minérios (3).

A solução encontrada pelo grupo foi a emigração e o local escolhido foi o Brasil, pois dispunham de

informações levadas à região por frades capuchinhos que conheciam as novas terras além-mar.

De início, as campanhas de emigração, ainda inexistindo legislação sobre o assunto, eram feitas através de agentes e sub-agentes que passavam pelas aldeias mais distantes à procura de camponeses, prometendo o impossível e descrevendo maravilhas da nova terra além-mar. Muitas vezes, essas propagandas eram feitas pelo clero (De Boni & Costa, 1984:94).

"Justamente nesses dias, um frade capuchinho passando pelos bairros, contou uma porção de novidades sobre a América e dos frades que lá viviam. Informou que há trabalho em abundância nas fazendas de café, principalmente no Estado de São Paulo. Se, contudo, quisessem região mais fria, fossem para o Rio Grande do Sul, terra perto da Argentina. Ali poderiam cuidar de videiras e também de ovelhas. E as informações deram-lhes mais coragem ..." (Vitti, 1977a:03) (4)

Procuraram informações e conselhos com o vigário da aldeia sobre a idéia de emigrar, e este enviou uma carta a seu irmão que morava em Trento para pedir-lhe maiores informações. A resposta chegou em uma carta datada de 15 de Maio de 1876:

"... Sobre o assunto de sua carta, referente a famílias de sua aldeia, que desejam imigrar para o Brasil, apraz-me contar-lhe que um amigo de Viena, guarda do Palácio do Imperador, informou-me achar-se em visita à Corte Imperial,

um grande fazendeiro daquela país, com a tarefa de fomentar a imigração para aquela parte da América.

Como dentro de alguns dias deverei ir a Viena, procurarei por-me em contato com aquela senhor. Depois escreverei dando informações mais pormenorizadas." (5)

Enquanto isso, várias famílias se interessaram pelo ato de emigrar e se organizaram, chefiadas por Bortolo Vitti. Contactaram outras famílias da redondeza que aceitaram a proposta: Cristofolatti, Forti, Correr, Stenico, Brunelli, Pompermayer e Degasperi; algumas da aldeia de Romagnano.

Pouco tempo depois, "o irmão do vigário mandara avisar que o brasileiro tivera que voltar rapidamente para o país. Todavia, informava-os que, no Brasil, conversaria com os fazendeiros sobre a sua vinda" (Vitti, 1977a:06).

No Brasil, na segunda metade do século XIX, a agricultura paulista se encontrava em pleno desenvolvimento e a cultura do café avançava rapidamente ocupando as terras do interior do estado. Porém, os fazendeiros paulistas enfrentavam a escassez de mão de obra para suas lavouras e, percebendo a aproximação do final da escravidão, necessitavam encontrar uma forma de substituição do trabalho baseado na mão de obra escrava pela livre.

A falta de mão de obra local disponível para a lavoura cafeeira e a disponibilidade de pessoas na Europa, motivada pela explosão demográfica e a depressão econômica, levou os fazendeiros paulistas a recorrer a trabalhadores imigrantes.

Nesse primeiro momento, a prática utilizada foi a de engajar colonos diretamente na Europa, sendo que muitos fazendeiros o fizeram pessoalmente viajando, especialmente para a Alemanha e Itália, à procura de famílias que se dispunham à emigrar; adiantando-lhes o dinheiro para o transporte e as despesas necessárias. Um exemplo foi a firma Vergueiro & Cia, formada em 1847 pelo Senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, que percorria a Europa em busca de imigrantes para as fazendas paulistas.

Eram auxiliados, em grande parte, pelas Companhias de Navegação que tinham grande interesse econômico com relação à emigração, sendo que tratavam com os fazendeiros a quantidade de imigrantes a serem enviados contra o pagamento da importância da viagem. Para isso, mandavam seus próprios empresários "à caça" de camponeses nas vilas e povoados.

"Houve um tempo em que as Companhias de Navegação eram soberanas. O Estado estrangeiro que quisesse receber trabalhadores italianos não se dirigia ao governo de Roma, mas às próprias sociedades de navegação ..." (Ianni, 1972:21)

No Tirol, as famílias que estavam se organizando pensam em viajar por conta própria para não ficarem submetidos a um patrão e preservarem a sua independência na escolha do local onde se instalariam. Eram camponeses independentes e possuíam, segundo consta, pequenas propriedades com uns poucos pés de uva, trigo e alguns animais, que seriam vendidos a um parente próximo. Os amigos de Romagnano também venderiam seus negócios.

"... de acordo com as informações que meu pai

deu, eles eram contadini, uma espécie de camponês, às vezes com terra própria e às vezes trabalhando para outros. E para poder vir eles fizeram diferente de outros imigrantes que já eram praticamente contratados, enquanto que esses meus parentes vieram de conta própria, tanto que para poder pagar a passagem eles venderam as terras lá.

é fácil verificar porque no passaporte dos meus avós não consta nada, enquanto que outros passaportes que eu vi estava escrito: contratado."

Enviaram à Gênova/Itália duas pessoas - Francisco Forti e Angelo Vitti - encarregadas de resolver o problema da viagem. Foram informados que havia navios para a América quatro ou cinco vezes por ano e entenderam-se com o capitão do navio "NORD AMERICA", que os levaria de segunda classe e acertou-se que partiriam no final de Julho do ano seguinte. Contudo, procuraram obter informações sobre a idoneidade do capitão do navio, tendo o Consulado Austríaco informado tratar-se de homem de valor.

Cuidaram de providenciar os passaportes na Capitania dos Portos; colheram o trigo e produziram o vinho, cuja renda seria adicionada ao dinheiro obtido com a venda dos bens. Venderam tudo: a pequena propriedade, a casa, os animais, os instrumentos de trabalho e partiram sem pensar em voltar.

Em 31 de Julho de 1877, um grupo de aproximadamente trinta famílias tirolezas, quase todas aparentadas entre si ou oriundas de localidades vizinhas,

embarcou em Gênova com destino ao Rio Grande do Sul, mais especificamente Porto Alegre.

1.3 - A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA VIDA NO BRASIL

"Toda pessoa, ao emigrar, o faz envolvida por dois sentimentos opostos: a dor e a esperança. Saudade e esperança são dois sentimentos opostos que se revezam constantemente no coração de todo ser humano. Com muito mais razão no dos imigrantes..." (Tomelin, 1986:16)

Permaneceram no navio durante vinte e quatro dias: algumas vezes em festa diante de tantas novidades, momentos em que os tirolezes cantavam e jogavam baralho demonstrando sua natureza alegre. Outras vezes, nervosos e amedrontados, pois o navio não apresentava boas condições e ameaçava naufragar durante as tempestades, quando se colocavam a orar.

Finalmente, chegaram ao Rio de Janeiro a 23 de Agosto de 1877, onde permaneceriam por apenas algumas horas e continuariam a viagem, com o mesmo navio, até o Rio Grande do Sul.

Porém, seus planos foram modificados. Ainda no navio, o grupo foi procurado pelo administrador de uma fazenda de café, situada próxima à cidade de São Paulo. O capitão chamou os chefes da caravana e lhes explicou:

"Eu sei que pretendem ir a Porto Alegre. Como, porém, perdi uma semana de viagem, as despesas subiram. Por isso necessito fazer um carregamento para o retorno. Vocês precisariam

ficar aqui parados por três dias, sem fazer nada. Parece-me, porém, que para vocês a história vai ser outra... Este senhor que está aqui é o administrador de uma fazenda de café, perto da cidade de São Paulo. Ele soube que vocês vinham neste navio. O seu patrão, que é Visconde e de grande projecção no governo do País, mandou aqui para saber se querem ir trabalhar na sua fazenda. Ele precisa de todos. Ele fará um contrato de dez anos. Se aceitarem, ele vos leva embora ainda esta semana... Pensem bem no negócio. Mais tarde ele voltará para sabê-lo..." (Vitti, 1977a:15)

Tratava-se do administrador da fazenda "Sete Quedas", pertencente a José Bonifácio do Amaral - Visconde de Indaiatuba - abastado agricultor em Campinas/São Paulo e chefe do Partido Liberal. O Visconde foi um dos pioneiros na introdução de mão de obra livre na produção de café, com a qual iniciou a colonização de sua fazenda Sete Quedas, no município de Campinas, em 1852. Tornou-se um grande defensor do emprego de colonos estrangeiros para a lavoura cafeeira, utilizando-se de empresas na Itália para a contratação de imigrantes; tinha preferência por imigrantes tirolezes, que justificava pela moralidade, união e amor ao trabalho que eles demonstravam.

Quanto ao fato do Visconde de Indaiatuba estar informado sobre a chegada do grupo tirolês, apesar de "independentes", seus descendentes atribuem à amizade do Visconde com o Imperador Dom Pedro II, cuja esposa era austríaca. "Conversas de Palácio", segundo um entrevistado.

Os tirolezes aceitaram a proposta de trabalho, oferecida pelo administrador da fazenda Sete Quedas, por parecer-lhes um bom negócio. Era a garantia de um trabalho seguro por alguns anos e a possibilidade de poderem juntar economias suficientes e tornarem-se proprietários de terras, retornando à condição de camponeses.

Em São Paulo, foi a atuação dos fazendeiros que possibilitou a transição da escravidão para o trabalho livre, devido às experiências realizadas em suas fazendas com imigrantes e pelo crescente debate sobre a questão do trabalho. Era necessário encontrar um sistema de trabalho que lhes assegurasse a produtividade equivalente a da escravidão.

"O desenvolvimento e a organização da força de trabalho livre destinada às fazendas de café de São Paulo foi um processo ao mesmo tempo econômico e político determinado pelo confronto entre os interesses econômicos dos fazendeiros e a habilidade dos trabalhadores para resistir às imposições dos fazendeiros." (Stolcke, 1986:18)

Inicialmente, a introdução de imigrantes visava a criação de colônias voltadas para a produção de alimentos para o mercado interno e fornecimento de mão de obra barata às fazendas próximas. Esta iniciativa generalizou-se depois de 1850, sendo que, no período de 1829 a 1890, 108 colônias foram formadas por iniciativa pública e particular, a maior parte delas criadas no Oeste paulista (Martins, 1973:53).

O principal idealizador das colônias de imigrantes voltadas para o interesse particular foi Nicolau

Ferreira de Campos Vergueiro - Senador Vergueiro. Em 1840, fez uma primeira tentativa de criação de uma colônia de imigrantes, introduzindo em sua fazenda 80 famílias portuguesas para substituir os escravos. Porém, as famílias logo se dispersaram e só alguns anos mais tarde o Senador retorna ao seu projeto quando, através de subsídios conseguidos junto ao Governo Imperial, fundou a firma Vergueiro & Cia com o objetivo de engajar colonos na Europa.

O sistema idealizado por Vergueiro foi inicialmente adotado em sua fazenda Ibicaba - localizada no atual município de Limeira - desde 1847, com a introdução de imigrantes suíços e alemães. O contrato de trabalho baseava-se no regime de parceria, sendo que trazia uma vantagem ao trabalhador europeu comparado ao dos serviços assalariados, pois lhe garantia uma liberdade mais ampla com relação aos possíveis conflitos de tradições e costumes. A parceria procurava conciliar o regime de serviços assalariados, praticado em geral pela mão de obra livre local nas fazendas, e o das pequenas propriedades, utilizado nos núcleos coloniais sustentados pelo governo anteriormente (6).

Esse sistema em pouco tempo passou a ser adotado por quase todos os fazendeiros do Oeste paulista, que se utilizavam da empresa Vergueiro & Cia para angariar colonos na Europa. No entanto, a maioria das fazendas não abandonou o trabalho escravo, que persistia de forma simultânea às colônias de parceria, permanecendo as tarefas delimitadas e separadas.

O regime de parceria foi altamente desfavorável aos imigrantes por se basear no "endividamento", submetendo-

os à grande exploração, única forma de obter, dessa mão de obra, a mesma rentabilidade que o escravo. Seu ponto vulnerável foi a exclusão do colono na fiscalização sobre as operações feitas entre a colheita e o ajuste de contas, calcado na concepção de confiança do colono no empresário (Holanda, 1967:258) (7).

O sistema de parceria foi sendo gradativamente modificado após 1857. O momento de ruptura do sistema caracterizou-se pela Revolta de Ibicaba quando, em razão dos defeitos e dos abusos provocados pelos administradores da fazenda tornaram-se necessárias a repressão oficial e a intervenção dos governos suíço e prussianos suspendendo a emigração desses dois países para São Paulo (8).

Substituiu-se a parceria pelo sistema de pagamento a preço fixo do alqueire do café colhido, ou pelo sistema de salário fixo para o trato do cafezal e pagamento da colheita por alqueire a preço fixo, estipulando que os colonos ficavam sujeitos às leis relativas à locação de serviços.

No final da década de 1860, os fazendeiros foram gradualmente introduzindo novos ajustes no contrato de trabalho baseado num sistema misto de remuneração por tarefa e por medida colhida, ou seja, a carpa do café era paga a um preço anual fixo por mil pés tratados, e a colheita a um preço por alqueire de café colhido.

Esse sistema, denominado de colonato, prevaleceu até os anos 60 do século XX, garantindo aos trabalhadores uma renda fixa e independente dos rendimentos do café na medida em que procurava encorajar os trabalhadores a cuidar de um maior número de pés de café (Stolcke, 1986:35-7).

Os tirolezes estabeleceram, junto ao administrador da fazenda Sete Quedas, um contrato de trabalho baseado no regime de colonato. O contrato foi firmado nos seguintes termos:

"Prazo de nove anos; trato dos cafezais, sem nenhum ganho, recebendo 500 réis por alqueire na colheita do café; não havendo serviço de capinação, o fazendeiro era obrigado a dar-lhes outras ocupações, pagas por diárias, ou conseguir-lhes trabalhos avulsos em fazendas vizinhas. Tinham, além disso, direito ao uso de terras para o plantio de cereais, sem limites e condições, obrigando o contratante a fornecer os viveres para o sustento das famílias, para posterior desconto, depois das colheitas do café." (Vitti, 1977b)

O cultivo de cereais, combinado ao sistema de remuneração por tarefa e por produção, tornava o regime de colonato mais lucrativo para o colono do que o trabalho assalariado puro. O preço dos gêneros alimentícios eram constantemente altos devido aos interesses dos fazendeiros estarem voltados quase que exclusivamente para a cafeicultura.

As roças de subsistência reduziam o custo da reprodução da mão de obra, pois este era repostado pelo próprio colono, visto que as culturas alimentares se desenvolviam durante o período de menor atividade no cultivo do café e utilizavam o trabalho familiar.

"As culturas alimentares constituíam não tanto um pagamento em espécie ou um mecanismo para

fixar a mão de obra, mas primariamente uma forma de o fazendeiro apropriar-se de uma renda em trabalho adicional ao valor excedente obtido no cultivo do café." (Stolcke, 1986:45)

Através da exploração do colono na sua sobrejornada de trabalho, sob a aparência de que este trabalhava para si mesmo, foram geradas as condições de sustentação do sistema. Para o produtor, esse salário não remunerado era essencial para o rebaixamento do custo da produção da força de trabalho e, para o colono, essa renda suplementar significava um pouco de excedente que, quando poupado, era utilizado para deixar a situação de colono.

Cada família do grupo recém chegado à fazenda Sete Quedas recebeu uma casa onde havia mantimentos, colchões, roupas de cama, mesa e cadeiras, latas para transportar água e uma lamparina e querosene. À noite foi oferecido pelo Visconde de Indaiatuba uma grande festa:

"Quando chegaram ouviu-se tocar o sino, como se fosse uma festa. Da casa-grande surgiu uma porção de gente. O Visconde e sua mulher, à frente de todos e depois dirigiu-lhes algumas palavras de boas vindas. Viu-se que estava contente com o administrador, porque, de vez em quando, batia-lhe nas costas.

Antes de anoitecer, foram visitados pelo Visconde. Gostou de ver as crianças bonitas e saudias dos tirolezes porque tinham a cor das maçãs e, mais apreciou-os quando se puseram a cantar. Deu ordens para distribuir vinho aos mais idosos e moedas aos menores." (Vitti,

1977a:20)

Trabalharam arduamente no trato dos cafezais, muitas vezes até durante a noite, à luz de lampiões, pois a plantação estava bastante abandonada; mas eram gente disposta ao trabalho e dispunham de uma "saúde de ferro", como nos contou um de seus descendentes. Também juntavam-se em mutirão para auxiliar as famílias em dificuldades e eram grandes defensores dos escravos. Aos domingos demonstravam que estavam felizes cantando, jogando Bocca ou baralho e rezando.

Ainda hoje seus descendentes exaltam a admiração do Visconde de Indaiatuba por estas famílias tirolezas, dizendo que ele foi muito bom para com seus "velhos", pois recebiam salário justo, conseguindo guardar economias a fim de comprar terras, e não sofriam de maus tratos, reclamados por outros imigrantes.

Porém, segundo José de Souza Martins, os imigrantes atribuíam uma imagem de "boa sociedade" àquela que os acolheu, como forma de agradecimento. A sociedade de adoção recriava relações que estavam desaparecendo no seu país de origem com o processo de separação dos trabalhadores de seus meios de produção, transformando-os em homens livres (1986:119).

Comprovamos a simpatia do Visconde pelos tirolezes através de um "MEMORANDUM", de sua autoria, onde reflete sobre a introdução do trabalho livre em Campinas: defende a introdução de colonos estrangeiros e expõe sobre a tentativa nas suas fazendas de café, mostrando suas vantagens e opiniões a respeito (9).

Iniciou seu projeto contratando imigrantes

alemães em 1852, e adotou o contrato de parceria que, segundo o Visconde:

"... requer a maior confiança do colono, porque esta, depois da colheita, perde toda a fiscalização, durante o processo de benefício do café, e só meses depois receberá o produto líquido de seu trabalho." (Amaral, 1952:243)

Em 1870 foi pessoalmente à Europa, ao Norte da Alemanha, Holstein, trazendo consigo duzentos estrangeiros e, em 1873, conseguiu nova remessa, porém seu intuito foi barrado pelos problemas aos quais passava as colônias brasileiras. Recorreu por algum tempo a imigrantes já instalados em Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Repúblicas do Prata (10).

Em 1876 retomou a sua proposta, voltando-se para o Tirol e, auxiliado pela empresa JOAQUIM CAETANO PINTO JR & CIA e de alguns colonos como subagentes, recebeu várias famílias de tirolezes em suas colônias. Afirma que os tirolezes tiveram às mãos vários exemplares da GAZETA ITALIANA de vinte e cinco de Dezembro de 1876, que se publicava no Rio de Janeiro e na qual estava transcrito o contrato de trabalho que deveriam assinar no Brasil.

No ano seguinte - 1877 -, o Visconde de Indaiatuba recebeu mais ou menos cinquenta lombardos e trezentos e cinquenta tirolezes. Segundo o Visconde, essas famílias apresentavam grande moralidade, união e amor ao trabalho. Reconhecia, dessa forma, as maiores vantagens para si, porque a solidariedade de todos trazia a certeza do pagamento integral do débito que, além de acelerar a emancipação do colono, proporcionaria maior garantia ao

lavrador (11).

No relatório, o Visconde aponta as famílias tirolezas como modelo de trabalhadores livres:

" ... uma família de 15 pessoas, sendo 12 maiores de 15, e 3, de 10 anos ... Ela só trata de 17.000 pés de café e ainda encontra lazer para ir ganhar a outros colonos com ou sem remuneração aos enfermos.

A alegria cimentada no trabalho, com que nos acaricia, 'beijando até as mãos', certifica a felicidade que por ali vai." (Amaral, 1952:245)

Em dezembro de 1881, um outro grupo de tirolezes provenientes da aldeia de Romagnano, próxima à cidade de Trento, embarcou no navio FRANKFOURT, de bandeira austríaca, em Gênova com destino ao Brasil. Essas famílias não se diferenciavam daquelas vindas anteriormente: segundo um descendente, trabalhavam como meeiros na fazenda de "um tal conde Pompeati", um grande latifundiário, e também trabalhavam em empresas de mineração para a complementação da renda familiar. Pertenciam ao grupo emigrante as famílias Correr, Forti, Degasperri, Brunelli, Zotelli, Defant, entre outras (12).

Os emigrantes aportam no Rio de Janeiro no dia vinte e cinco de dezembro de 1881 e chegam ao seu destino no dia trinta e um de dezembro de 1881. Foram designados para trabalhar na Fazenda Sete Quedas em Campinas, tendo sido contratados ainda no Tirol.

Esse novo grupo foi surpreendido ao chegar à fazenda Sete Quedas, pois lá encontraram várias famílias da mesma região do Tirol, alguns até aparentados, que os

havia precedido quatro anos antes. "Foi ali que se realizaram os primeiros casamentos e nasceram os primeiros filhos". (Correr, 1982:II)

Foi ali também que conseguiram economizar dinheiro através de grande esforço, pois, segundo constatamos em entrevistas, os tirolezes guardavam seu dinheiro a juros através do próprio patrão - o Visconde de Indaiatuba; fato confirmado pelo Visconde em seu "MEMORANDUM", quando se refere a uma família tiroleza:

"Outro fato de grande eloquência é que demonstra como são felizes os meus colonos é este: há vinte dias, mais ou menos, na colônia Saltinho, uma outra família de tirolezes fez pagamento de quase 600\$000, tendo essa família chegado há um ano apenas!

No dia em que o carro conduziu o último alqueire de café com que ela completou o pagamento, deu-se na colônia uma festa por demais tocante. De então para cá, essa família já tem pecúlio em meu poder a juros."

(Amaral, 1952:246)

O prazo estipulado no contrato de trabalho esgotou em 1888, sendo que apenas uma família - os Vitti - o renovou por mais um ano, porque conseguiu juntar dinheiro pretendendo utilizá-lo na compra de terras. As outras famílias dispersaram-se pela região, por vários municípios: Rio Claro, Capivari, Amparo, Rio das Pedras, Piracicaba etc. As famílias Correr, Stenico, Forti e Degasperri deixam a fazenda Seta Quedas e dirigem-se para Piracicaba onde são contratados, ainda na condição de colonos, na fazenda Monte

Alegre, de propriedade do Doutor José da Costa Carvalho.

As famílias Vitti - Bortolo e seus irmãos João e Albino - dirigem-se para o município de Rio Claro onde compram um sítio chamado "Rio Cabeça", permanecendo no local por cinco anos. Cultivam cereais para a subsistência das famílias.

Uma característica importante no regime de colonato foi o trabalho familiar, empregado pelos fazendeiros para reduzir os custos por unidade de trabalho. Assim, os cafeicultores preferiam as grandes famílias, porque "quanto maior o número de trabalhadores em proporção aos consumidores em uma família, menor o custo de reprodução de cada trabalhador individual e, conseqüentemente, menor podia ser o preço da tarefa." (Stolcke, 1986:45-6) (13)

Para o fazendeiro, a utilização do trabalho familiar apresentava-se vantajosa devido à mão de obra suplementar barata fornecida pelas mulheres e crianças. As esposas e filhos eram úteis quando a demanda de mão de obra na colheita do café aumentava e, durante o período de menor atividade, cuidavam do setor de subsistência, reduzindo os custos unitários da mão de obra.

Essa ideologia da solidariedade familiar era igualmente partilhada pelos imigrantes. Para o colono, através da cooperação familiar obtinha-se o melhor aproveitamento das oportunidades de ganho que se traduzia na maneira de constituir uma certa reserva financeira e tornar-se autônomo em relação à fazenda que os acolhia. Estes primeiros recursos assim obtidos destinaram-se à compra de terras e/ou à instalação das famílias nas cidades circunvizinhas.

A propriedade da terra era almejada pelos imigrantes, porém este era um processo penoso e demorado.

"Em condições tidas como boas, quando os patrões pagavam pontualmente, as famílias eram numerosas, moravam nas proximidades dos centros consumidores e, por fim, se não sofressem com doenças, calcula-se que um colono precisava de quatro anos para conseguir suas primeiras economias ... o imigrante demorava de oito a dez anos para chegar a pequeno proprietário."

(Alvim, 1986:158)

Este sonho foi conquistado por poucos, pois não se pode deixar de considerar a grande "massa de perdedores", aqueles que não conseguiram o status de proprietários e formaram o operariado urbano ou rural.

Nas condições em que se processou a passagem do trabalho escravo para o trabalho livre, nesse período, através do aliciamento de imigrantes europeus e ainda sob uma forma precária na qual os próprios fazendeiros financiavam a sua vinda, gerou condições para que os imigrantes pudessem se aproveitar dessa fragilidade do sistema a seu favor.

Inicialmente, o fato que atraía os primeiros imigrantes às fazendas de café paulistas, era a possibilidade de tornarem-se proprietários de terras após um período no cultivo de café. Esses próprios imigrantes estavam saindo de suas terras de origem fugindo, de certa forma, da proletarização. Portanto, trabalhar em regime de colonato significava, para o imigrante, uma forma de ainda manter o domínio sobre o seu trabalho.

Portanto, o imigrante se interessava em trabalhar dentro dessa estrutura, pois reproduzia um valor cultural que trazia consigo do país de origem: o trabalho de todos.

"Para as grandes ou pequenas unidades familiares cujo destino foi São Paulo, o trabalho de todos era um valor que devia ser preservado: desde os arrendatários, os meeiros e os pequenos proprietários italianos que chegaram até 1886 - e mesmo para toda a Europa do século XVIII e XIX - a família era a unidade fundamental da organização do trabalho. Trabalho esse geralmente voltado para a propriedade familiar, que, por sua vez, parecia pertencer mais ao grupo que ao indivíduo e onde o chefe de família funcionava mais como gerente do que como proprietário da terra." (Alvim, 1986:75)

O imigrante tirolês vem para o Brasil num momento de implantação da política imigratória no estado de São Paulo (14). Diversos fatores contribuem para a possibilidade de tornarem-se proprietários: a posse de recursos econômicos que advém da venda de seus bens em suas aldeias tirolezas, de forma que partem como emigrantes "independentes"; a forma de contrato de trabalho baseado no regime de colonato que permitiu algum acúmulo; a contratação por um fazendeiro que foi um pioneiro na implantação do trabalho imigrante em suas fazendas e, por último, o próprio trabalho familiar e a estratégia coletiva do grupo de permanecerem juntos.

NOTAS

01. A consequência imediata desse processo se deu a nível do crescimento demográfico. No período de 1815 a 1914 a população européia passou de 180 para 450 milhões de habitantes, sendo que 85% dessa população rumou para as Américas. A emigração se constituiu em uma forma que os governos europeus encontraram para estabilizar o processo social (De Boni & Costa, 1984:49).
02. Nesse período, a Província de Trento pertencia ao Império Austro-Húngaro e somente foi incorporada à Itália em 1919, pelo Tratado de Saint Germain.
03. O Tirol constitui-se em uma região da Europa Central, encravada na Cadeia dos Alpes. Atualmente, a Áustria domina a porção setentrional; e a Itália possui o trecho meridional, drenado pelo Rio Adige, onde ficam as Províncias de Bolzano e Trento, que formam a região do Trentino e do Alto Adige.
04. Um descendente da família Vitti, realizou um trabalho de recuperação da vida de seus "nonos" - como são chamados os primeiros familiares que chegaram ao Brasil. Trata-se de uma biografia romancçada contando a vida de seus bisavós no Tirol. Portanto, para analisar esse período inicial - a decisão de partir e a vinda do grupo para o Brasil - constantemente nos remetemos a esta biografia como ilustração (Vitti, 1977a).
05. Carta de Ricardo ao irmão vigário da aldeia de Meano/Trento (In Vitti, 1977a:84).
06. O sistema de parceria idealizado pelo Senador Vergueiro consistia em adiantamentos para o transporte e sustento dos colonos durante a viagem, que deveriam ser pagos dentro de um prazo determinado, com juros de 6% ao ano. Cada família teria a seu cargo um determinado número de pés de café, segundo sua capacidade de cultivo, colheita e benefício. Era permitido o cultivo de mantimentos, para a própria subsistência, nas terras da fazenda. O produto do café vendido era partido entre colono e fazendeiro e também as sobras dos mantimentos. As dúvidas eram resolvidas por árbitros (Holanda, 1967).
07. "A questão do mau sucesso das parcerias ficava, assim, confundida numa luta entre as boas intenções dos proprietários e as más intenções dos colonos, ou vice-versa. Com essa tomada de posição subjetiva, perdia-se a possibilidade de avaliar, concretamente, a realidade em termos de funcionamento do sistema. De uma forma ou de outra, o fato é que os proprietários não iam muito além na análise do malogro desse sistema. O erro básico, o vício de sua organização, suas contradições escaparam-lhes forçosamente." (Costa, 1982:76)
08. Conferir Thomas DAVATZ, Memórias de um colono no Brasil (1850).

09. José Bonifácio do AMARAL, Introdução ao trabalho livre em Campinas. Monografia Histórica do Município de Campinas, Rio de Janeiro, 1952. Descreve o início da colonização da fazenda Sete Quedas, no município de Campinas/São Paulo.
10. Com a Revolta de Ibicaba em 1857, cessou quase que bruscamente o engajamento de imigrantes destinados às fazendas paulistas. O movimento repercutiu na Europa, resultando em medidas restritivas da emigração ao Brasil; campanha promovida pelos consules, principalmente alemães. O reatamento voltou a normalizar-se por volta de 1872, com base em novas propostas para a imigração (Holanda, 1967).
11. Baseado nos escritos do Visconde de Indaiatuba em seu MEMORANDUM, podemos entender a versão dita pelos descendentes do grupo estudado de que ele sabia da chegada do grupo tirolês, mesmo sendo "independentes".
12. Padre Lino CORRER, Uma história verdadeira. Lar Católico, Piracicaba, 14 fev. 1982, Cromo I. História da imigração tiroleza e a formação do bairro Santa Olímpia.
13. Em 1877, o Visconde de Indaiatuba expõe sobre as vantagens em se contratar famílias tirolezas devido ao seu tamanho: "As famílias de tirolezes ainda são das mais vantajosas ao lavrador pelos muitos membros de que elas se compõem. Esta vantagem é de toda ponderação: o maior número de trabalhadores, além de acelerar a emancipação do colono, o que é um exemplo edificante, proporciona maior garantia ao lavrador, porque a responsabilidade solidária de todos dá a certeza do pagamento integral do débito, ainda quando alguns membros sejam remissos às suas obrigações." (Amaral, 1952:245)
14. A primeira fase do processo de imigração, delimitada por Zuleika Alvim, corresponde ao período de 1870 a 1885 e caracteriza-se pela ausência de uma política imigratória; a desagregação da mão de obra escrava e, em paralelo, a articulação política do grupo do Oeste paulista, responsáveis pelas primeiras tentativas de utilização da mão de obra livre. A segunda fase, de 1885 a 1902, caracteriza-se pela definição da política imigratória, baseada principalmente no imigrante italiano; onde os fazendeiros do Oeste paulista consolidam-se como uma nova facção econômica no poder e o mercado de trabalho se apóia na mão de obra livre. A terceira fase, de 1902 a 1920, é marcada pela consolidação, em todo o país, da política imigratória iniciada por São Paulo e o poder político do novo grupo se mantém inalterado (1986:21).

C A P Í T U L O I I
SANTA OLÍMPIA E SANTANA : CONSTITUIÇÃO
DE UMA COMUNIDADE

CAPÍTULO II - SANTA OLÍMPIA E SANTANA: CONSTITUIÇÃO DE UMA COMUNIDADE

Após dez anos de trabalho na fazenda Sete Guedas, na condição de colonos, o grupo de tirolezes cria condições para realizar o seu projeto de retornar à condição de camponeses e se estabelecer como proprietários de terras.

Devido ao término do período estipulado no contrato de trabalho, o grupo se dispersou pelos municípios circunvizinhos à Campinas. A partir desse momento, restringimos o estudo apenas àquelas famílias que se estabeleceram no município de Piracicaba, estado de São Paulo, através da aquisição de duas fazendas vizinhas - Santa Olímpia e Santana - a poucos quilômetros deste município. A delimitação do estudo visa a análise do processo de consolidação das relações sociais entre os moradores das duas fazendas que, através dos casamentos internos, tornam-se uma só comunidade e constitui-se, atualmente, na única comunidade tiroleza no Brasil, considerada tipicamente trentina.

Neste capítulo, abordamos a fixação desse grupo de famílias tirolezas no município de Piracicaba, a compra das fazendas e as dificuldades atravessadas pelo grupo no pagamento de suas dívidas. O período analisado corresponde, aproximadamente, aos primeiros cinquenta anos do estabelecimento do grupo em Piracicaba, ou seja, da saída da fazenda Sete Guedas até a década de 1930.

Nesse período, as duas fazendas permanecem isoladas devido à distância com relação ao meio urbano e seus moradores se fecham em sua cultura, devido ao medo de

pessoas estranhas. Dessa forma, analisamos o processo de consolidação de uma vida voltada para "dentro", as características que permitiram a coesão do grupo e as consequências desse isolamento.

2.1. FAZENDA SANTA OLÍMPIA

Deixando a fazenda Sete Quedas, após o término do contrato em 1888, um grupo de tirolezes rumou a Piracicaba intencionando encontrar uma pequena propriedade para a instalação de suas famílias. Enquanto essa oportunidade não surgia, empregaram-se na condição de colonos, na fazenda Monte Alegre (1).

Consta que interessaram-se pela compra de uma fazenda de propriedade do Sr. Luiz de Queiroz, mas este doou suas terras ao governo para que ali se instalasse uma escola de nível superior, hoje a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz - ESALQ (2). A oportunidade surgiu após cinco anos: a dezoito quilômetros de Piracicaba estava a venda a fazenda Santa Olímpia, pertencente ao Banco do Brasil, devido à penhora de uma hipoteca. Sua compra se efetuou em Vinte de Novembro de 1892 (Correr, 1982:III) (3).

Os tirolezes encontraram na fazenda instalações bastante precárias e, inicialmente, instalaram-se nas casas de taipas ali existentes, antes usadas para abrigar os escravos. Havia terreiros para secar o café e um grande barracão onde estava a máquina de beneficiamento do café. Esta era a cultura principal da fazenda e ocupava cerca da quarta parte de suas terras, constituindo-se na esperança dos tirolezes, pois com sua produção pagariam as dívidas

adquiridas na compra da fazenda.

As outras três partes da fazenda eram cobertas de mata virgem e uma serraria, utilizada mais tarde para preparar a madeira para construção de suas novas casas. Tratavam do cafeeiro e cortavam as matas preparando o terreno para o plantio dos cereais (Degasperri, 1977:07).

A "aldeia" (4) era praticamente isolada do mundo, com estradas mal conservadas e transporte escasso. A locomoção fazia-se a pé ou por meio de uma carroça que havia na fazenda, permanecendo por longos anos em isolamento.

A fazenda Santa Olímpia passou por sérias dificuldades de ordem econômica, vivendo seus moradores na completa miséria. O pagamento das dívidas que haviam adquirido na compra da fazenda ocasionou anos de sofrimento, sendo que até hoje o lugar é conhecido como "BANCO", devido às hipotecas pagas ao Banco do Brasil.

Consta que os tirolezes da Santa Olímpia pagaram pela fazenda mais que o dobro do preço estipulado na compra. Após terem pago a parcela inicial para a aquisição da fazenda, o proprietário faleceu antes de fechar o negócio e seus filhos não reconheceram o primeiro pagamento.

Inicia-se, então, um processo penoso de pagamento da fazenda, devorando os rendimentos da lavoura e deixando as famílias endividadas durante muitos anos. Em entrevistas realizadas com moradores de Santa Olímpia, levantamos as histórias contadas a respeito da compra da fazenda, sobre as quais seus descendentes sempre procuram justificar a situação de seus "nonos" que lutaram e venceram todas as dificuldades para realizarem seu sonho de aquisição da propriedade.

O grupo de tirolezes estabelecido em Monte Alegre obteve informações sobre a venda da fazenda pelos jornais, viram e gostaram. Não tinham nenhum dinheiro para pagar, mas o patrão fez um "negócio de pai":

"... Ai vieram aqui, então o patrão disse: 'oiha, não quero um tostão de entrada, vocês me paga com o café'.

... Então nossos velhos falaram: 'o café tá muito bonito, dá pra nós pagar a fazenda e sobrar um dinheirinho ainda', porque a intenção dele era boa."

Quando o café já estava beneficiado em Santos, o patrão adoeceu e consta que não houve tempo deste assinar a venda da fazenda, sendo que seu filho desfez o negócio e ficou com a produção do café. Ocorreu aí a primeira perda da fazenda.

"... Ai disse então: 'compro outra vez'. O juro era 18% naquela tempo. Ai começou, os nossos velhos não aguentou, precisou o banco comprar a fazenda ... Nossos velhos não desanimou e disse: 'vamo comprá do banco'".

Essa foi a segunda perda da fazenda que foi hipotecada ao Banco do Brasil e os tirolezes pagavam juros de 18%. Como não conseguiram saldar a dívida, um amigo dos tirolezes o fez. Estes ficaram lhe devendo quatorze contos de réis, a serem pagos com juros num prazo determinado.

A terceira perda foi quando, em troca do empréstimo efetuado pelo senhor Negri para o pagamento da hipoteca do banco, foi oferecida uma parte da fazenda Santa

Olimpia, hoje Fazenda Negri. Com isso, a área da fazenda Santa Olimpia diminuiu para cento e vinte alqueires, em sua maioria conservada até hoje (5).

"Tendo entregado a terça parte da fazenda ao Sr. Luis Negri, e percebendo que as famílias tinham se tornado numerosas, sentiram-se obrigados a dividir a fazenda e a trabalhar cada um por si. Contrataram um engenheiro. Nesta partilha coube a cada sócio a quantia de doze alqueires. Embora cada sócio lavrasse sua porção de terra, juntamente com seus filhos, todos continuaram bastante unidos." (Degasperis, 1977:08)

Padre Lino J. Correr descreve sua aldeia de Santa Olimpia, cujo cenário permaneceu inalterado dos anos 20 até ultrapassar os cinquenta anos da vinda desses imigrantes para o Brasil.

"As humildes moradias, de pau-a-pique em sua maioria, com piso de chão socado e teto de telha-vã, confirmam a pobreza da população. Nenhuma benfeitoria sanitária favorece a conservação da saúde dos moradores. As casas esparramam-se desordenadas pelas encostas dos morros que formam a barroca. De envolta de cada casa, um quintalejo com aves caseiras misturadas com leitõeszinhos, um paiol para o milho de gasto e mini-tulha para os cereais." (Correr, 1982:IV)

2.2. FAZENDA SANTANA

A família de Bortolo Vitti e a de seus dois irmãos - João e Albino -, findo o contrato na fazenda Sete Quedas, compraram um sítio chamado "Rio Cabeça" em Rio Claro. Após cinco anos, depois de terem pago o sítio, resolveram dividir suas terras.

Um dos irmãos Vitti - Bortolo e seus filhos - resolveu procurar outro lugar para se instalar. Obtiveram informações dos tirolezes de Santa Olímpia que havia uma fazenda à venda nas proximidades:

"Percebia-se mesmo, que Nossa Senhora olhava por ele. Naquela tarde apareceu um senhor bem vestido, com botas luzidias. Chamava-se Ricardo de Menezes. Era o administrador da fazenda Santana que ficava perto daquela dos tirolezes de Piracicaba. Tinha sabido por eles [Santa Olímpia] que ele [Bortolo] pretendia comprar terras e o Barão de Serra Negra, seu patrão, mandara-o conversar com eles." (Vitti, 1977a:22)

Trata-se da fazenda Santana, antiga sesmaria pertencente ao Senador Vergueiro e ao Visconde de Valença, e posteriormente adquirida pelo Barão de Serra Negra. Foi estabelecida em 26 de julho de 1883, colocada à venda e oferecida à família de Bortolo Vitti.

Informações de campo dão conta que a fazenda estava abandonada, pois logo após a abolição dos escravos muitas fazendas quebraram e outras foram hipotecadas devido a falta de empregados.

A compra foi realizada em Primeiro de

Agosto de 1893. Bortolo e seus filhos compraram a fazenda por cem contos; uma parcela inicial de dez contos e o restante pagariam com as colheitas de café de cada ano. A fazenda possuía 350 alqueires com terras boas e ainda muitas matas; lenha em abundância; água e plantações de café; além de uma tulha onde guardavam o café, o arroz e o feijão, etc; casa de máquina para beneficiar café e o arroz e o moinho de fubá (Vitti, 1977a:23).

A escritura fora lavrada em nome dos filhos casados e de um genro de Bortolo Vitti. Uma outra parte fora atribuída aos filhos solteiros. O dinheiro para a compra da fazenda foi conseguido através da venda de sua parcela de terra no sítio "Rio Cabeça", uma parte por empréstimo dos irmãos que permaneceram em Rio Claro e de amigos da família (Vitti, 1977a:25).

A colheita do café foi boa naquele ano, o suficiente para amortizar parte do dinheiro emprestado. Porém nem sempre ocorreu assim; para pagar a dívida restante desfizeram-se de parte das terras (50 alqueires perto de Santa Elídia) e para livrar-se da hipoteca foram obrigados a ceder lenha e a produção de cereais de uma área de 50 alqueires (6).

Além do café, plantavam especialmente arroz, milho e feijão, possuíam um armazém onde todos retiravam suas provisões, descontadas na venda da colheita do café.

Um descendente da família Vitti, neto de Angelo - filho mais velho de Bortolo -, possui dois Livros-caixas relatando todas as despesas mensais de cada família (7). Ali, Angelo anotava tudo, um pouco em tirolês e um pouco em português, desde o primeiro dia que compraram a

fazenda Santana e pode-se obter uma noção clara dos alimentos que utilizavam: das mercadorias compradas e as provenientes de sua própria produção. Através desse documento, constatamos que a família possuía uma espécie de cooperativa ou mercearia, onde todos retiravam suas provisões e pagavam no final do mês. Também estavam anotadas as despesas gastas com camaradas, casamentos, médicos, etc.

Trata-se de um documento importante para a recuperação da história de vida dessas famílias no início do século. Tendo em mãos o livro, o entrevistado expõe toda uma relação de mercadorias e seus respectivos preços:

" ... Por aqui você fica sabendo o que eles comiam, o que eles não comiam, o que eles compravam, entende. Aqui, por exemplo, quando eles compram a fazenda ainda tinha camarada, então ele diz: '20 de Outubro - comida dos camaradas: 24 mil réis; dinheiro emprestado à sociedade: 200 mil réis. Dezembro - despesas de um saco de arroz: 24; um saco de farinha de trigo: 18'. Olha bem, o ordenado do colono, sabe quanto era? 15. Agora veja um saco de trigo, 18. Veja o preço das coisas ... Eu faço comparação com o dinheiro do colono que era 15, o chinelo da minha avó custava 5...

A Fazenda Santana foi dividida por volta de 1901, com a morte de Bortolo, o patriarca da família Vitti. Pouco tempo depois conseguiram saldar as dívidas de compra, mas como as famílias estavam crescendo resolveram dividi-la entre os irmãos.

Havia o costume de se dividir a propriedade

apenas entre os filhos homens da família porque seriam eles os responsáveis pela sustentação de sua esposa e filhos. As filhas se casando teriam a herança do marido ou, então, a parte delas era paga em dinheiro. A fazenda Santana foi dividida em sete partes: as mulheres, casadas, receberam em dinheiro; dois filhos solteiros dividiram uma parcela única de 11 alqueires cada um e os filhos casados receberam, aproximadamente, 32 alqueires cada um.

Portanto, estas famílias tirolezas que se instalaram no município de Piracicaba, através da aquisição de terras, enfrentaram sérias dificuldades financeiras devido às pesadas dívidas e às hipotecas ocasionadas pela compra das fazendas Santa Olímpia e Santana. As famílias se multiplicavam e a produção da lavoura, após os custos serem revertidos para saldar as dívidas, sobrava somente para a subsistência do grupo, ocasionando um longo período de extrema miséria.

Segundo nos colocou alguns entrevistados, os "velhos" viviam de forma bastante humilde. Sua alimentação se baseava em polenta e almeirão, verdura muito comum que se espalhava por entre os pés de café.

Esta situação é reforçada nas entrevistas quando muitos fazem comparações entre as duas fazendas, dizendo que Santana se recuperou mais rapidamente devido às melhores instalações e por pertencer apenas a uma família, enquanto Santa Olímpia precisou pagar três vezes a propriedade.

2.3. A COESÃO DO GRUPO

As comunidades tirolezas de Santa Olímpia e Santana permaneceram isoladas até por volta da década de 30, devido à grande distância da cidade e ao próprio fechamento do grupo em sua cultura. Os casamentos ocorriam internamente, entre parentes, devido principalmente ao apego à religião católica; à língua, que permaneceu ligada ao dialeto trentino e à estrutura familiar, rígida e paternalista.

É através desses três fatores - isolamento, dialeto e religião - que o grupo manteve suas tradições até hoje. Formam entre si a origem de uma tradição que foi transmitida de pai para filho e que caracteriza a identidade desse povo.

Tomelin, descendente de tirolezes estabelecidos no município de Rodeio/Santa Catarina, assim descreve seus familiares:

"Além da saudade, os Velhos se caracterizavam pelo forte espírito religioso que se resumia no respeito, admiração e sobretudo obediência de todos ao padre; pelo ódio aos estranhos; pelo isolamento; pela conservação da língua de origem e das tradições, fazendo os filhos reviverem o passado no presente." (Tomelin, 1986:17) (8)

O primeiro fator que contribuiu para o isolamento das famílias de Santa Olímpia e Santana foi com relação à distância das fazendas até a cidade de Piracicaba e devido às dificuldades de transporte. Esse fator ocasionou uma vida voltada para dentro da comunidade,

para a solidificação das relações entre as duas fazendas e um maior envolvimento familiar.

" As duas fazendas vizinhas, dos Negri e Santana, eram cobertas de mato. Quando menino o mato chegava a 100 metros de minha casa. Santana era só mato e estrada, era que nem um túnel dentro do mato." (Prezotto & Vieira, 1991:13)

" ... essa estrada nossa aí era uma estradinha de carroça, pra ir de carroça na cidade demorava um dia. Não tinha comunicação propriamente em si..."

O segundo fator de isolamento deve-se ao caráter religioso. Tradicionalmente católicos, fiéis à Igreja Católica e às suas leis, os tirolezes preocupavam-se em salvaguardar a sua fé e sentiam-se constantemente ameaçados pelas pessoas estranhas - chamadas de "brasileiros", consideradas imorais. Temiam que o contato com essas pessoas sem fé pudesse interferir em seus princípios religiosos, prejudicando os fundamentos morais ensinados aos mais jovens.

Um fenômeno geral da imigração é o da importância assumida pela religião como fator de identificação cultural dentro de uma nova sociedade, é através desta que os imigrantes conservam e ou reconstróem, em todos os países, muito do seu mundo pátrio ao redor das paróquias étnicas, que ficam sendo o centro da vida do grupo (De Boni & Costa, 1984:110).

Desde Trento, o grupo foi assistido pelos frades capuchinhos - quase todos os frades da Europa são de origem trentina - em matéria religiosa, que lhes davam

orientação e frequentemente visitavam as duas comunidades, além de facilitar a aproximação devido ao dialeto trentino. Em Santa Olímpia e Santana, a educação religiosa também era tarefa das mulheres que doutrinavam as crianças todos os domingos, e quem faltasse era castigado.

" Aos domingos, quem transitasse pelo arraial do Banco (Santa Olímpia), lá pelos idos de 1920 a 1930, havia de ouvir, em tom de cantinela, a meninada do bairro, recitando as lições de catecismo, que deviam declamar de cor. A professora, na velha capelinha da Imaculada Conceição ..." (Correr, 1982:VII)

As aulas de catecismo ainda são lembradas atualmente pelos idosos, na figura da Zia Maria, reconhecida pela severidade em seu modo de educar (9).

"... a religião era bem explicada e todo mundo pensava aquilo lá. Tinha uma que chamava tia Maria que era muito conhecida. Então essa tia explicava tudo direitinho pra gente e se entrasse pessoal de fora, que viesse com outra idéia de religião, a gente nem fazia amizade... Agora, a religião segurou um pouco o pessoal de fora."

A maneira rígida como era colocada a educação religiosa, com base em regras morais e calcada na idéia do pecado provocou ainda mais o isolamento do grupo frente à sociedade que os envolvia. Essa rigidez, sem dúvida, contribuiu para uma formação religiosa sólida das futuras gerações, mas contribuiu também para que a comunidade permanecesse, durante as primeiras décadas,

extremamente fechada a estranhos, devido ao medo de interferência em seus hábitos e costumes.

" O isolamento e a solidão, ... a falta de tino para negócios e a desconfiança de papéis e documentos caracterizavam o indivíduo do nosso lugar.

Dai renegar todos os estranhos para privilegiar a própria fé foi um passo.

Conseqüentemente, surgiu a necessidade de levantar fronteiras, afastando e estigmatizando todos os outros como inimigos e privilegiando os católicos como os bons, os santos, os verdadeiros filhos de Deus." (Tomelin, 1986:18)

A consequência imediata, causada pelo isolamento e o medo do contato com pessoas estranhas, foi com relação aos casamentos que ocorrem internamente, entre parentes próximos ou distantes, por consanguinidade ou por afinidade.

Os casamentos entre parentes sempre foram apoiados pelas famílias e conseguiam respaldo nas leis eclesiásticas que permitiam dispensa do impedimento para parentes próximos e consanguíneos, porém essa situação provoca muitas vezes conseqüências aos filhos que nascem com anormalidades somáticas, fato visto até o momento atual.(10)

"... era ainda um povo acanhado, os pai. Entom, conforme eles se iam vendo, sabe, acho que iam crescendo, era primo com primo, morava tudo vizinho, se gostavon, entom o pai e a mãe faziam o casamento." (Frezotto & Vieira, 1991:20)

" ... a gente não entendia a coisa né. Eu dou a culpa aos nossos pais que não explicava a coisa certa. Então não tinha muita ligação com o pessoal de fora e aí chega a hora que tem que casar e os pais não explicava o perigo do parentesco."

Outro ponto de grande influência causada pela religião é no número de filhos dos casais, cada família tinha em média doze filhos e, segundo os entrevistados, a causa principal era a obrigação perante a Igreja:

"... Porque a lei da Igreja, naquele tempo, era obrigatório. Vinham os frades aqui rezar missa, se, por exemplo, você tivesse um filho de um ano e meio e não tinha outro, o padre não dava absolvição ... Assim, era como que escravo e nós era bô criado naquele estudo de cristianismo que nossos velhos deixaram pra nós, então era obrigado a ter. E foi, 10, 12 filhos cada um, 13, 14, 15, né, prá quê?"

" Porque falava se não tivesse, se evitasse não dava comunhão. Se eu tivesse passado um ano sem ter filho queria saber, e se eu tivesse um, não tivesse mais, eh! Me sacrifiquei tanto que nem burro por causa dos filhos, não teria me estragado ... Fomo criado nós no engano, no começo fomo enganado, eles diziam que os filhos vinha da tua e nós acreditava."

Em consequência dos problemas financeiros e do grande número de filhos, aumentou no bairro a pobreza e as dificuldades com relação à educação. Outro problema apontado

diz respeito ao serviço médico, pois as crianças nasciam em casa, então cada dois ou três meses morria uma criança e famílias de 10, 12 filhos não tinham o que comer.

Por outro lado, o forte apego à religião, a assistência de frades capuchinhos e as aulas de catequese que conservava a integridade da fé nos bairros, através dos ensinamentos religiosos básicos para as crianças, fez com que vários membros da comunidade escolhessem a vocação sacerdotal e religiosa.

Desde o estabelecimento em Piracicaba, vários rapazes rumaram para o Convento dos Capuchinhos de Taubaté, pois os frades que lá se encontravam provinham da mesma região de origem - os Alpes Tiroleses.

Segundo o Padre Lino Correr, por volta da década de 20 não era exagero afirmar que em cada casa havia um candidato aos estudos do seminário, sendo encaminhados para diversos lugares: além dos capuchinhos, havia os estigmatinos de Rio Claro; os Verbitas de Araraquara e os Salesianos. As moças também faziam sua opção dirigindo-se às Congregações de São José, Marcelinas, Franciscanas do Coração de Maria, Madre Cabrini, etc (1982:VI).

Tomelin também expõe sobre essa questão em sua comunidade:

" Muitas famílias tinham um, dois, vários ou quase todos os filhos no convento ou no seminário. Ter filhos padres e freiras era sonho de todos os pais. Entrar no seminário ou no convento era a ambição da maioria dos adolescentes." (Tomelin, 1986:18)

Segundo este autor, a escolha pela vida religiosa

acontecia porque o trabalho intelectual, destinado à pessoas inteligentes e superiores, se contrapunha ao trabalho braçal, considerado inferior. Dessa forma, a ida para o seminário ou convento era considerado uma grande graça, uma antecipação do céu na terra, onde se poderia escapar das durezas do trabalho na lavoura (Tomelin, 1986:19).

Por outro lado, era motivo de grande orgulho às famílias verem seus filhos seguindo a vocação religiosa, tanto que muitas mães obrigavam-nos a escolherem esse caminho. Um senhor de Santana relatou sua experiência:

" Olha, as avó, as avó, e as mãe também, nossa, enton, elas fazio força pra que nói fosse pro seminário cumo foram bastante. Elas fazie força que nói fosse, até obrigado, pronto, como fosse obrigado. Non falei da otra veiz que uma veiz aprontei a mala pra ir e tudo e deu certo que non passô o ônibus e non fui, falei: graças a Deus. (risos). Dessa escapei, eu falei. Ai a minha mãe queria, eu falei: ôi aqui, cê queria eu pra padre, vai você agora, falei pra ela, eu non vô mai. " (Prezotto & Vieira, 1991:22)

A religião fazia parte da educação e a vida no lugar baseava-se em regras impostas pela Igreja Católica. O padre era a figura mais importante e as atividades religiosas eram diárias com a grande devoção voltada à Virgem Santíssima. Era obrigatório a parada no trabalho nos dias santos (11).

Um terceiro fator de coesão do grupo foi o uso do dialeto trentino nas relações familiares e na aldeia. Até

mesmo para o ensino de seus filhos, os pioneiros haviam contratado um professor de italiano para ensiná-los, que recebia um salário mensal de 40 mil réis, em comparação com os 15 mil réis dos colonos (12).

" Em casa só se falava o dialeto trentino. Era assim em todas as casas, na igreja, na escola e nas demais dependências da localidade. Quem não o falasse era mal visto, olhado com reservas, quase um traidor, um renegador de seu passado e de seu grupo. " (Tomelin, 1986:19 e 20)

Uma pequena escola foi fundada em 1922 em Santa Olímpia, na sala de visitas de uma das casas. Foi feito um levantamento do número de alunos e a professora era de Piracicaba, mas permanecia em Santa Olímpia. As crianças enfrentavam sérios problemas no aprendizado do português, pois utilizavam o dialeto constantemente.

Em 1923, foi construída a escola por Samuel de Castro Neves. O terreno foi doado por um dos moradores de Santana, onde se construiu o grupo escolar com cinco salas, denominada "Escola Reunidas de Santana".

" Os professores vinham de trole, e voltavam de trem para João Alfredo, hoje Artemis. Havia aula à noite para os adultos, gente com sapato cheio de barro, mãos calejadas, aprendendo a ler com lampião. Falavam o tirolês e tinham dificuldade na aprendizagem. " (Frezotto & Vieira, 1991:14)

Só por volta da década de 30 é que passou a generalizar-se a conversação em português, principalmente nas escolas, em função das normas estabelecidas pelo governo de Getúlio Vargas, mas o relacionamento entre os adultos, em

casa e na Igreja, na confissão com os frades capuchinhos, o dialeto continuou sendo utilizado (13).

Com o isolamento e as raras idas à cidade, o bairro resolveu seus problemas com a vida voltada para a família e uma maior integração entre Santa Olímpia e Santana. Dessa integração, os mais idosos lembram-se dos divertimentos gerados na comunidade - os bailes, os casamentos, os jogos esportivos.

"A vida era aqui uma comunicação, entre nós e Santana é que nem nós fossemos irmãos, entre nós só, quase casavam entre si, entre lá e aqui pra não perder a tradição, não entrava gente de fora, estranho, era só entre nós. Era uma vida assim, pobre mas comunicativa, um ajudava o outro se precisasse de algum auxílio."

Nessa época, os bairros possuíam uma banda de música, integrada pelos membros da comunidade e muito requisitada pelos políticos para seus comícios:

"... Nós tinha uma banda também, e foi que começou, arrumou um maestro e fomo indo ... era tudo velho, gente de idade, agora o mais novo era eu ... Nós ia em toda festa que tinha no bairro de Charqueada, Paraíso, Recreio, em Santa Olímpia, Corumbataí, Santa Terezinha. O prefeito mesmo chamava noi quando em tempo de eleição e noi ia também fazer comício, com a banda."

Constatamos que os próprios tirolenses tiveram a idéia de formar uma banda e contrataram um maestro que vinha de Piracicaba para ensiná-los. Ensaíavam na tuaia de café. Um

idoso entrevistado nos contou que quando menino permanecia no andar superior da tuiá ouvindo o ensaio e estudava no caderno do pai escondido, tornando-se um músico tempos depois.

Outro divertimento muito lembrado era os bailes e as reuniões durante as noites, após o trabalho na lavoura, quando todos se encontravam e cantavam as cantigas tirolesas, dançavam e namoravam. O ponto de encontro que mais marcou era a casa-grande na fazenda Santa Olímpia, construída em 1922 para abrigar a família Stenico. Nela moravam seis casais e, às vezes, chegou a comportar vinte e seis pessoas, com os nascimentos dos filhos. Era lá a alegria dos mais jovens:

"... quando era mocinho vivia cantando, a minha casa aqui era a casa mãe da fazenda, todos os dias vinham ensinar canto na minha casa aqui, todos os dias. Acabava o tempo, a mocidade enchia o parapeito ali, ficava até onze, meia noite. Baile era tudo aqui, casamento era tudo aqui, se ir na reza e não ia na casa do Mané, meu pai ... saía de lá, vamos na casa do Mané ... punha a sanfoninha do lado e nhac, nhac, que varava a noite, dançava e gostavam, a tradição que trouxeram de lá. Agora entrou o modernismo, acabou."

Um morador de Santana nos contou histórias sobre os bailes de Santa Olímpia, frequentados por ele e outros jovens.

" Meu nono tava ruim e nois ficava lá, sempre ficava lá de noite (Santa Olímpia). E foi que

ele morreu. Falou: 'quem vai avisar no Banco?' (Santa Olímpia). Eu disse: 'eu vou!', eu com meu cunhado. Aí fomos avisar. Quando chegamos no alto escutamos a sanfona, tinha um baile. Eu disse: 'nois vai lá e não vai falar que morreu, fique quieto', vai dançar primeiro. Aí chegamos lá e começamos dançá, aí veio uma velha lá e falou: 'aconteceu alguma coisa, porque vocês vieram muito tarde aqui'. Nois falamos: 'é claro, nois tava andando, escutamos o baile e viemos dançá'. Quê! Aí dançamos, daí um tempo não parava de encher o saco, aí eu falei: 'morreu o nono, pronto!', pararam o baile".

"... o tio Chico pegava a sanfona e ia lá na tua, na máquina e nois acompanhava, ia lá dançava, ... quando dava na nuca descia, ia embora. Mas o divertimento era bonito."

As atividades esportivas são outra forma de divertimento, onde se aprecia muito o jogo de "Bocce", comum e popular entre os imigrantes italianos; a "morra", uma espécie de palitinho jogado com os dedos, além do futebol - paixão dos tirolezes. O Padre Lino Correr, em seus escritos sobre Santa Olímpia, relata um jogo que era muito prestigiado pelas primeiras gerações dos moradores de Santa Olímpia e que hoje é desconhecido pelos mais novos. Trata-se do jogo de "palone", assim descrito:

" é um jogo que apresenta semelhanças com o tênis, mas participando vários jogadores em cada campo. Para isso inflava-se uma bexiga de porco (bola de tênis do pobre), envolta em seguida em

camada de pano bem apertado e era arremessada com o punho cerrado contra o adversário. Não cheguei a praticar esse esporte, que era praticado pelos mais idosos, por isso não conheci também o regulamento, o que constava pontos e o que eram as suas faltas." (Correr, 1982:IX)

A relação familiar junta-se a esses três fatores que permitiram a formação de uma comunidade coesa. A vida dentro de casa, a convivência entre pais e filhos colocada nos moldes da educação rígida, onde a obediência era a virtude mais praticada. Os pais apresentavam uma postura autoritária, pouco participando da educação dos filhos, mas exigindo respeito e impondo disciplina, como a eles próprios lhes foi imposto.

As "nonas" - avós - eram as autoridades supremas, dando ordens, controlando os passos dos filhos, noras e netos. Eram temidas e obedecidas por todos, distribuíam tarefas e aplicavam castigos a quem desobedecesse suas ordens.

"Manter as pessoas no medo e na ignorância era uma forma de dominação usada para fazê-las obedecer e seguir os passos e tradições que os mais velhos traziam de sua terra." (Prezotto & Vieira, 1991:60)

Procuravam sempre ensinar os filhos a economizar: guardar cada centavo para os momentos mais urgentes ou para aumentar o patrimônio no momento oportuno. Este era o legado passado através das gerações e demonstrado no seu cotidiano através de uma vida humilde e pobre, onde tudo fora conquistado com muito trabalho e sacrifício.

Tomelin, em seu depoimento, exemplifica com precisão a educação familiar em sua aldeia tirolesa, caracterizada pela obediência e silêncio:

"Nós, os filhos, éramos treinados para obedecer e respeitar os pais e os mais velhos. Os irmãos menores deviam fazer o mesmo em relação aos maiores, que assumiam automaticamente na ausência dos pais. O uso da vara era admitido, tolerado e abusado. Não só. O que eles tivessem à mão serviria para intimidar os pequenos. Aos filhos nunca nos era concedida a palavra."

(Tomelin, 1986:20)

Portanto, percebemos que o grupo cria uma base para a unidade da comunidade através da estrutura familiar e suas relações; e na religião, fortemente arraigada. Consegue manter uma concepção de vida e de mundo que permanece nas diversas gerações e que auxilia na permanência dos bairros.

A coesão do grupo se processou em dois planos: religioso e associativo. A religião auxiliou no isolamento do grupo frente à sociedade envolvente e, no plano associativo, a família criou condições para reproduzir suas experiências anteriores do país de origem.

"... Ao encontrar no próprio núcleo as condições para desenvolver a sua sociabilidade, dentro de mínimos essenciais, o imigrante se acha em condições favoráveis para resistir, pelo menos inicialmente, aos apelos aculturativos da sociedade envolvente." (Pereira, 1974:99)

NOTAS

01. A fazenda Monte Alegre, propriedade do Dr. José da Costa Carvalho após seu casamento com D. Genebra de Barros Leite, viúva do Brigadeiro Luiz Antonio de Souza. Anteriormente, a fazenda pertencia à Sociedade Vergueiro & Souza, importante firma que, na segunda década do século XIX se organizara para a exploração agrícola. A sociedade dissolveu-se em 1825.
02. Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, integrada à Universidade de São Paulo - USP. Anteriormente, fazenda São João da Montanha, adquirida pelo Doutor Luiz Vicente de Souza Queiroz, para nela ser construída uma Escola Agrícola. Foi doada por ele ao Estado, especialmente para esse fim. A doação foi aceita pelo Governo do Estado em 17 de Novembro de 1892 (Torres, 1975:154).
03. A fazenda Santa Olímpia possuía uma área aproximada de 180 alqueires, sendo partilhada por dez sócios: Vergílio Correr e Luis Correr, Filhos de Jacob Correr; Vergílio Stenico, Simão Stenico, Dionísio Degasperri, José Cristofoletti, genros de Jacob Correr e José Brunelli e Clemente Cristofoletti, netos de Jacob Correr; e José Forti, um primo irmão da família Correr. (Degasperri, 1977)
04. Adotamos o termo "aldeia", pois é a maneira utilizada pelos próprios tirolezes para se referir às fazendas Santa Olímpia e Santana nos seus primeiros anos.
05. Esse episódio também nos foi relatado de outra maneira: "Eles deram uma entrada não sei de quanto e depois eles assinaram um contrato pra pagar com produção de café. Ali terminaram de pagar a fazenda, mas depois surgiu uma duplicata que tava no Banco do Brasil. Essa fazenda tava hipotecada, por isso que chama 'Fazenda do Banco'... tiveram que pagar de novo. Mas nesse tempo entrou esse Negri aqui e pagou a duplicata lá no banco... precisou pagar tudo pro Negri que então exigiu juro desse dinheiro que ele pagou. E com isso aí foram perdendo, o café perdeu o valor, os cereais não tinha saída. Então viviam aqui, pode dizer, vivendo e comendo só." (Entrevista com morador de Santa Olímpia)
06. "A fazenda ficou em 100 contos, deu mais ou menos 250 alqueires; 100 contos eles deram 10 de entrada pra ir pagando com as colheitas de café. Eles não tiveram muita sorte porque logo no primeiro ano deu uma geada que acabou com a colheita, quando foram começando a hipotecar também. Pra pagar a primeira hipoteca eles se desfizeram de 50 alqueires de terra, fica perto aqui de Santa Elídia. Uma segunda hipoteca, que ia vencer, eles pagaram com a lenha de 10 alqueires de terra. Mas com força e coragem chegaram a pagar tudo..." (Entrevista com morador de Santana)

07. O entrevistado nos contou que, poucos dias antes de morrer, sua avó o chamou e lhe entregou toda documentação que ela havia guardado durante os anos. Consistia em um tubo de flandres, mais ou menos de meio metro com dez centímetros de largura, cheio de papéis que ela havia introduzido; e dois livros de formato grande, escrito à mão, numa mistura de tirolês com português, onde o avô relatava tudo o que aconteceu.
08. Victor Tomelin, um tirolês de Santa Catarina, escreveu uma dissertação sobre sua condição, sua aldeia de origem e seus medos provocados pela educação rígida e religiosa durante sua infância.
09. Coube à "Tia Maria" o papel de líder no grupo, pois consta que era uma religiosa fervorosa e que muito contribuiu com suas aulas de catecismo e para levantar fundos para a construção da igreja do bairro Santa Olímpia.
10. Existem estudos que comprovam os problemas consanguíneos entre os moradores de Santa Olímpia e Santana devido aos casamentos com parentes. Os principais são esterilidade masculina, problemas de fala e síndrome de Down. Averiguado por Elisabete Prezotto e Maria Goretti Guimarães Vieira.
11. Um morador de Santana com idade aproximada de 70 anos relatou a Elisabete Prezotto e Maria Goretti, em entrevista, a vestimenta das mulheres nas atividades religiosas nesse período:
"Para ir à missa ou acompanhar a procissão, todas as mulheres punham um véu sobre a cabeça e uma fita envolvendo seu pescoço. A cor variava de acordo com a idade e condição conjugal: as mulheres casadas deveriam ir de preto com fita vermelha onde havia uma medalha para aquelas que pertencessem ao Apostolado da Oração; as jovens com mais de 18 anos se vestiam com a cor branca e sua fita deveria ser azul claro, o véu era branco, e apenas aquelas que fossem Filhas de Maria usariam a medalha; já as meninas com idade entre 12 e 18 anos usavam vestidos brancos combinados com fita amarela e véu branco." (Prezotto & Vieira, 1991:64)
12. Trata-se de um professor contratado pelas famílias de Santana para ensinar os meninos na idade escolar. Chamava-se Antonio Michelin e, como era italiano, ensinava-os nessa língua. (Vitti, 1977a:28)
13. Com a "Nacionalização do Ensino", em 1942, o governo proibiu todas as línguas estrangeiras nas escolas, impondo o português mesmo através da violência física (Tomelin, 1986:26).

C A P Í T U L O I I I

R U P T U R A C U L T U R A L

CAPÍTULO III - RUPTURA CULTURAL

Durante as primeiras décadas do século XX, após a compra das fazendas Santa Olímpia e Santana, os tirolesees cultivaram o café e gêneros alimentícios para sua subsistência.

O predomínio da cultura do café na agricultura paulista não impediu a diversificação e, durante a primeira década deste século houve um demasiado aumento nos preços dos gêneros alimentícios, sobretudo devido à crescente demanda urbana e conseqüente expansão do mercado consumidor.

A crise de 1929, início da depressão mundial, e a sua repercussão na economia brasileira provocou modificações no setor agrícola, quando a economia se torna mais diversificada e os cultivos se modificaram. Em Piracicaba, por volta da década de 30, acentua-se a produção de cereais - milho, arroz, feijão, algodão - assentada basicamente na pequena propriedade.

Nesse período, as fazendas de Santa Olímpia e Santana se apresentam economicamente estáveis, tendo liquidado suas dívidas com relação à compra das propriedades. Os tirolesees, com a queda dos preços do café, voltam suas atividades para a policultura e também para a produção de açúcar batido com auxílio de engenhos movidos a tração animal, já existentes no local.

Neste capítulo, pretendemos inserir o grupo no processo econômico da região de Piracicaba. Com esse objetivo, faz-se necessário nos remetermos ao processo histórico de consolidação da agricultura na região, que cresceu e se desenvolveu a partir da produção da cana de

açúcar.

Piracicaba sempre se caracterizou pelo seu potencial agrícola e seu mercado se consolidou cada vez mais, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, devido à maior valorização do açúcar no mercado e à modernização das indústrias açucareiras.

Dessa forma, inserido nesse processo de desenvolvimento da agricultura paulista, o grupo de tirolezes enfrenta suas primeiras transformações provocadas pelo aumento das famílias e conseqüente falta de terras para cultivar. A procura de um produto mais rentável incentivou os tirolezes à produção da cana de açúcar, tornando-se fornecedores de cana às usinas próximas à comunidade.

Esse processo ocasionou modificações também no modo de vida do grupo que, a partir da década de 50, passou por uma maior urbanização do seu espaço e melhorou as condições de vida da população. Por outro lado, a modernização caracterizou-se pela desestruturação de suas tradições, modificando também os hábitos e costumes e a forma de pensar das novas gerações e ocasionou uma ruptura do ponto de vista cultural.

3.1. A REGIÃO DE FIRACICABA

A região de Piracicaba cresceu e se desenvolveu em função da qualidade de suas terras roxas, ótimas para a lavoura de cana de açúcar, fato que incentivou e atraiu agricultores, principalmente da região de Itú, a obterem sesmarias na região. Além disso, esta região pôde beneficiar-se das vantagens advindas de sua localização na

confluência dos caminhos para Goiás (1).

Em seus primórdios, o "Sertão de Piracicaba", como era conhecida a região, abrangia uma vasta área a ser desbravada futuramente pelo café. O "sertão" incluía os atuais municípios de Araraquara, Rio Claro, Limeira, Brotas, Rio Preto, Barretos, Fernandópolis, Descalvado, Araras e Jaboticabal, que vão sendo desmembrados durante o século XIX, dando origem aos atuais municípios.

A única forma legal de acesso à propriedade de terras durante o período colonial era a doação de sesmarias àqueles que se dispunham em cultivá-las. A revogação deste instrumento jurídico criou um vazio legal, só preenchido em 1850, com a promulgação da Lei de Terras (Torres, 1975:36-7).

Durante a primeira metade do século XIX, a produção agrícola de Piracicaba era diversificada, consistindo em mantimentos em geral e gêneros para o consumo; porém, a produção de açúcar e aguardente, destinados à exportação, eram as principais atividades da região.

Em Araraquara, onde não há engenhos de açúcar, cria-se gado e mantimentos em geral e produz-se algodão mais extensivamente que os bairros próximos à Piracicaba.

"... Base da alimentação, em condições favoráveis do meio geográfico, de rápido crescimento e de fácil colheita, milho e mandioca e suas respectivas farinhas, têm de aparecer sempre, como o arroz e o feijão, como alimentos essenciais, acompanhando o produto chave da economia regional ..." (Neme, 1939:75)

Em Piracicaba, percebe-se já um acentuado retalhamento de terras, transformando as antigas sesmarias em muitas propriedades menores, nas mãos de herdeiros de antigos proprietários. Um dos fatores que contribuíram para o retalhamento de terras em Piracicaba foi a dissolução da Sociedade Vergueiro & Souza, em 1825, após o casamento da viúva do Brigadeiro Luiz Antonio de Souza - D. Genebra de Barros Leite - com o Dr. José da Costa Carvalho (2).

Na segunda metade do século XIX, estabeleceu-se uma acentuada diversificação da lavoura com o desenvolvimento da cultura de café, ao lado da lavoura canavieira e da indústria açucareira. Embora ainda mantivesse o predomínio das grandes propriedades, Piracicaba perdeu várias delas, que a partir de então passaram a pertencer ao território de Araraquara. Da mesma forma, foi transferida para Limeira importante área propícia à cultura de café, o que desviou para este município grande contingente de migrantes europeus, antes encaminhados para Piracicaba.

Neste período a produção açucareira entrou em declínio, a produção cafeeira e a lavoura algodoeira então se expandiram em consequência do crescimento da demanda internacional gerada pela Guerra Civil norte-americana. Porém, enquanto o café e a cana são cultivados por grandes propriedades, o algodão é cultivado por lavradores de menor recursos, nas pequenas propriedades.

Para Petrone, o ano que mais se plantou açúcar - 1846 e 1847 -, coincidiu com a plantação do café, que em 1850 e 1851 supera-o na exportação pelo Porto de Santos. Um fator responsável pela queda do açúcar e substituição pelo café estaria na má qualidade do açúcar paulista e nas

condições do mercado externo, necessitando de café e saturados com açúcar de melhor qualidade (Patrone, 1968:24).

Observa-se uma grande queda na produção de açúcar, principalmente devido à grande disparidade que existia entre a indústria açucareira brasileira, baseada em moldes coloniais, e os modernos engenhos utilizados no exterior; bem como aos melhoramentos dessa agricultura em outros países e ao desenvolvimento da produção de açúcar de beterraba na Europa. Esses fatores levaram o governo a se preocupar com a remodelação da indústria açucareira brasileira e, através de incentivos e favores, tentou-se criar indústrias modernas - engenhos centrais - e reduzir o número de fábricas com grande capacidade de produção (Queda, 1972:81-2).

Em 1896, Piracicaba e Capivari se destacam como os dois maiores centros açucareiros do Estado, sendo que Santa Bárbara ocupa o primeiro lugar na produção de aguardente. Com relação ao café, São Pedro, Capivari e Piracicaba estão entre os 35 grandes produtores, com mais de um milhão de cafeeiros (Canabrava, 1998:283).

Piracicaba atinge o século XX mantendo o regime agrário baseado na grande propriedade, mas multiplicam-se as propriedades menores, e acentua-se o aspecto policultor. Os gêneros de subsistência não chegam a cair em função do apogeu da cana ou do café, mas abastecem o mercado consumidor da cidade, bem como irão se consolidar as relações entre pequenos produtores de cana, fornecedores e os engenhos de açúcar - primariamente engenhos centrais e posteriormente as usinas.

Nos primeiros anos do século XX, o café

representa a principal riqueza de Piracicaba, porém a cultura se estabiliza por volta de 1905 e a cana de açúcar ascende, tornando-se o principal regulador da balança econômica em função da maior facilidade de se ampliar as culturas de cana, melhorar e aperfeiçoar os engenhos ao invés de instalar maquinários para o benefício do café (Canabrava, 1938:284).

Em 1905, as áreas cultivadas pelo arroz, feijão e milho eram de 348,50; 384,25 e 2.182 alqueires, respectivamente. Em 1935, as áreas cultivadas pelas três lavouras indicam: arroz, 2.003,50; feijão, 1.130,75 e milho, 6.942,50 alqueires (Neme, 1939:75). Segundo Neme: "Piracicaba não sofreu de modo considerável com a crise geral, pois sua organização agrícola já então se caracterizava por uma intensa subdivisão de propriedades e por uma salutar política de diversificação de culturas." (1939:90)

Em Piracicaba, pode-se perceber o aumento das pequenas propriedades até 1935, porém neste período aumenta-se a área cultivada pela cana, estimuladas pelas crises sucessivas do café e pela garantia de um mercado interno. A partir de 1935, as usinas de açúcar passaram a adquirir todas as propriedades circunvizinhas.

As crises sucessivas do café apresentando fortes baixas e medidas protecionistas do governo paulista, estimulando a livre concorrência entre produtores através de redução nas tarifas de produção e despacho de açúcar, proporcionou o surgimento de um "novo surto" açucareiro em São Paulo.

Porém, na segunda metade da década de 20, a

produção de açúcar paulista sofre uma acentuada queda devido ao surto de mosaico, o que foi rapidamente superada pela intervenção do governo instalando em Piracicaba uma Estação Experimental, cujo objetivo foi substituir as variedades afetadas. Assim, São Paulo passou a contar com as pré-condições necessárias para sua ascensão industrial, transformando-se num grande centro produtor de açúcar (Queda, 1972:85 e seq.).

Nessa fase, há um aumento generalizado da produção de açúcar, a nível nacional, ao mesmo tempo em que ocorre uma retração das exportações nacionais, provocando uma maior concorrência entre estados produtores pela participação no mercado interno.

A esses fatores juntam-se a crise internacional de 1929, afetando não só a produção de açúcar mas atingindo também toda a economia do país, sendo que é essencial a intervenção do Estado sob a forma de uma política centralizadora de âmbito federal. Esta política tem ainda o propósito de regular o comércio e a atividade produtiva, a fim de recuperar o dinamismo das atividades agro-exportadoras (Wanderley, 1979:56).

Esta intervenção foi marcada pela necessidade de assegurar a estabilidade dos preços do açúcar, bem como amparar a produção do Nordeste contra a expansão das usinas paulistas e fluminenses. A criação do Instituto do Açúcar e do Alcool - IAA - em 1933 marcou a consolidação das medidas de proteção do Estado (3).

Segundo Wanderley, "a política do IAA em relação ao Nordeste tem uma dupla significação. Por um lado, ela assegura a sobrevivência da produção regional, através de

medidas de caráter protecionista. Mas, por outro lado, a reduziu a uma posição secundária no conjunto da economia açucareira nacional, porquanto não impediu - e mesmo reforçou - o controle progressivo pelos Estados sulistas, principalmente São Paulo, do mercado interno." (1979:56)

Em relação a São Paulo, portanto, o processo de limitação da produção favoreceu este estado, na medida que se encontraram formas de quebrar a rigidez desse princípio, produzindo além dos limites fixados e garantindo assim, progressivamente, sua participação no mercado interno. O processo desencadeou também a modernização e industrialização das usinas de açúcar paulistas, principalmente pelo aparecimento de indústrias voltadas para a construção de equipamentos utilizados pelas usinas (4).

Pode-se dizer que São Paulo, a partir da década de 1950, aumentou sua produção e superou a do Nordeste via melhoramentos introduzidos em seu setor industrial, destacando-se os seguintes fatores: incorporação de engenhos turbinadores, aparecimento de grandes usinas e o emprego de tecnologia moderna na lavoura, com índices de produtividade mais elevados (Queda, 1972:1111).

3.1.1. O ESTATUTO DA LAVOURA CANAVIEIRA E OS FORNECEDORES DE CANA

Com o término da Segunda Guerra Mundial, uma nova valorização do produto no mercado externo e uma expansão do consumo no mercado interno, levaram o Instituto de Açúcar e do Alcool - IAA - a dirigir maiores atenções à modernização das indústrias açucareiras. Para isso, enormes quantias de

recursos seriam necessárias, tanto no setor industrial quanto agrícola.

Como os recursos das usinas eram insuficientes para a ampliação dos dois setores, estas cuidariam do desenvolvimento do seu setor industrial e a matéria prima necessária para essa expansão seria dividida entre plantadores independentes e as próprias usinas. Para evitar um processo semelhante ao que ocorreu com os engenhos centrais quando os fornecedores, em caso de preços desfavoráveis, moíam suas canas em engenhos banguês, instituiu-se a quota de fornecimento de cana, assegurando assim a subordinação do plantio de cana às necessidades da indústria açucareira (Queda, 1972:126-7).

Em 1941, foi promulgado o Estatuto da Lavoura Canavieira - ELC - visando uma melhoria de vida dos pequenos proprietários na forma de ampla assistência (técnica, médica, higiênica, educacional, etc), garantir o escoamento da produção, além de delimitar regras e princípios de regulamentação das relações entre usineiros e fornecedores (5).

Porém, na prática, essas medidas vêm beneficiar os grandes proprietários, ou seja, os usineiros, pois traziam uma total subordinação desses pequenos proprietários às necessidades industriais. Fatores que auxiliaram na condição de fragilidade dos pequenos proprietários, demonstrando seu caráter subordinado frente aos usineiros, foram: as subdivisões constantes das propriedades proporcionando o fracionamento das quotas de fornecimento, de forma que não se tornaram um grupo de pressão importante e, também, a falta de possibilidades de melhoria de

tecnologia na exploração.

Na década de 1960, observava-se a intensificação da modernização do setor industrial das usinas, bem como o aumento na produção de máquinas e implementos agrícolas, de fertilizantes e defensivos e a intensificação das pesquisas de novas variedades de cana nas Estações Experimentais. Esses fatores, somados a uma maior acumulação de capital a partir dos benefícios governamentais desde 1933, criam condições às usinas de aumentar seus rendimentos agrícolas e conseqüentemente ir, de maneira progressiva, "desalojando" os pequenos fornecedores (Scarfon, 1979:47-8).

Uma nova política pós-65 acentuou a fragilidade desses pequenos produtores: a primeira medida estava baseada no pagamento da cana a partir do custo da produção e do teor de sacarose. A segunda medida, promulgada através da Lei 4870, expandia a quota agrícola dos fornecedores de cana para 60% da quota industrial. Nota-se que a participação dos dois agentes não cresceu igualmente, pois a concentração das áreas da lavoura e a produção agrícola das usinas se expandiram em maiores proporções que a dos fornecedores (Neves, 1981:60).

Nesse mesmo período o processo de descapitalização oriundo da política de combate à inflação, atingiu também o setor açucareiro e os prejuízos recaíram sobre os pequenos fornecedores, de tal forma que muitos venderam suas terras transformando-se em assalariados (6).

3.2. TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NO GRUPO

Os tirolezes de Santa Olímpia e Santana produziam açúcar, através de alguns pequenos engenhos movidos a tração animal, juntamente com a produção de cereais. Tal fato proporcionou maiores recursos durante a crise enfrentada nas primeiras décadas do século XX.

"Ói, chegou uma época, porque achavam que dava um dinheirão o açúcar batido, 20, 25 miráí o saco, todo sitiante montô engenho virado a burro. Mas como a terra era meio de mato ainda, porque a cana não queria terra forte pro açúcar batido não, tinha que ser terra fraca, e foram enjoando porque o açúcar não enxugava, a açúcar não dava preço. Então toda a maioria dos sitiantes vendiam, chegaram, colocaram no Central, mandavam a cana no Central e pararam com os engenho. Ficaram fornecedor." (Prezotto & Vieira, 1991:34)

Desde a década de 40, devido ao aumento das famílias e poucas terras para cultivar, muitas famílias tirolezas estavam vendendo suas terras a parentes ou mesmo à Usina Costa Pinto, limitrofe de suas terras, pressionadas por ela, e migraram para a cidade a procura de novos empregos. Até então, os dois bairros haviam permanecido praticamente inalterados desde a chegada das primeiras famílias.

"O Engenho Central e a Usina Costa Pinto quiseram, em épocas diferentes, comprar a fazenda [Santana], mas ainda não conseguiram.

Os tirolesees plantam cana nas terras que a Usina empresta e nas delas também. Poucas famílias têm terras para a policultura. Um dos costumes, aceito para preservar a propriedade nas mãos dos descendentes, é pagar em dinheiro a parte das mulheres para que seus maridos não tenham direito à terra." (Prezotto & Vieira, 1991:15)

A procura de um produto mais rentável que os cereais incentivou os tirolesees na produção da cana de açúcar a qual amenizaria a situação de pobreza a que estavam submetidos, pois os cereais já não supriam suas necessidades. A entrada da cana é analisada pelos entrevistados como um fator positivo, pois melhorou a vida dos habitantes dos bairro, no sentido econômico, e permitiu uma nova fase de fartura, propriamente dita.

Foram incentivados pela própria usina que enviou técnicos ao local e firmaram contratos. Ganhavam por tonelada de cana colhida e a usina enviava os caminhões para o transporte.

"... primeiramente começou a plantar nois, porque tinha a usina aí. Aí veio o doutor e falou que dava o ponto pra gente ... Eu tinha aqui dois alqueires de terra, depois peguemo aqui no Caiapiá a 20% ..."

"... começou a plantar, aí veio o químico e falou pra gente plantar que tinha jeito de levar lá na usina, até tinha caminhão... Ganhava por tonelada, mas era um cruzeiro a tonelada ... um caminhão de cana valia três mil cruzeiros, dava 4.500 a 5.000 quilos..."

"... De 20, 30 anos pra cá, começou a plantar cana ... porque dava mais dinheiro, porque o arroz, feijão, milho, naquele tempo todos plantavam, sobrava, dava pra comer e vender. Então a cana veio, dava mais dinheiro, aí que foi o futuro nosso aqui, de Santana e do "Banco" ... estabilizou, melhorou a vida. Meu filho comprou ônibus, começaram a trabalhar na cidade, aí que veio dinheiro de lá pra cá ... Tivemos condições de sair um pouco fora e trazer um pouco de coisa pra dentro, pelo menos uns cruzeirinhos no fim do ano."

A cultura da cana reduziu a pressão sobre a terra e, a partir desse momento, os bairros (7) começam a se modificar. A cana trouxe maior acesso à cidade, como a compra de veículos, a instalação de energia elétrica, a construção de novas casas e a possibilidade de estudo para os filhos.

Na década de 1960, o desenvolvimento da industrialização brasileira; o aumento da produção nacional de fertilizantes e adubos, juntamente com maiores incentivos de compra através de financiamentos e subsídios por parte do governo, permitiram a maior produtividade da terra e gerou grandes incentivos aos pequenos produtores para continuarem produzindo cana de açúcar. Ocorreu, no entanto, que muitas famílias tirolesas não conseguiram se sustentar na produção que exigia, cada vez mais, a utilização de maiores recursos tecnológicos.

A partir da década de 70, com o crescimento das famílias as terras vão se tornando cada vez mais escassas,

devido às várias divisões. Já não havia mais empregos para todos pois a cana não necessitava de mão de obra permanente. Com o aumento da oferta de empregos no meio urbano devido à expansão de seu parque industrial, e a necessidade das usinas vizinhas de aumentar seu quadro de funcionários, muitos jovens deixaram suas terras e foram para Piracicaba trabalhar em empresas como a Caterpillar, Maus, Dedini, Copersucar, etc.

Também ocorre melhoramentos no sistema de transporte dos bairros quando, a partir de 1972, a família Stenico, pertencente ao bairro de Santa Olímpia, começou a trabalhar com Ônibus, transportando os moradores dos dois bairros até a cidade. Dessa forma, permitiu-se que essas pessoas e suas famílias pudessem trabalhar e estudar na cidade e continuar morando no seu local de origem, junto aos seus parentes.

As terras gradualmente vão se concentrando nas mãos de poucas famílias que, por possuírem melhores condições financeiras e meios de produção - tratores, carregadeiras, caminhões, etc - compram as pequenas propriedades dos parentes. Outro procedimento utilizado é o sistema de arrendamento e pagamento de quantia fixa pela terra. Desse modo, as terras continuam pertencendo a grupos familiares de tíroleses e mesmo aqueles que optaram pelo trabalho urbano, continuam sendo proprietários de seus pequenos lotes e recebendo uma renda pelo uso dos mesmos (8).

Essas grandes extensões de terras, próprias ou alugadas, concentradas nas mãos de poucas famílias, são trabalhadas através do sistema familiar, geralmente pai e

alguns filhos, e durante a colheita se utilizam da mão de obra temporária contratada geralmente dentro do próprio bairro, principalmente formada por mulheres e crianças.

Existem também algumas famílias que ainda trabalham em suas pequenas propriedades, plantando um pouco de cada cultura - cana, cereais, etc - e que, muitas vezes, unem-se entre parentes para obter um trator ou trabalham em mutirão. Observa-se nesse caso que são culturas de subsistência, mantidas geralmente por pessoas mais idosas e aposentadas.

Muitos dos entrevistados não se referem à questão da partilha de terras. Percebemos, no decorrer da pesquisa, que muitos não possuem ainda suas partes regularizadas pois, como vimos inicialmente, a primeira partilha resultou em, aproximadamente, 30 alqueires para cada família e estas parcelas são passadas de pai para filhos. Como o número de filhos variava entre 10 e 12 para cada família, estas parcelas se tornam cada vez menores.

Assim, nos bairros hoje, com exceção de poucas famílias que cultivam maiores quantidades de terras, a maioria das famílias tirolezas ficou com pequenas chácaras - suficiente para as casas, horta, criação de alguns animais, etc - e muitos não regularizaram a sua situação.

Segundo o Planalsucar de Piracicaba, nos últimos anos houve estabilização em termos de produção e expansão da cana no município devido a falta de terras, o que provoca o avanço da cana para outros municípios. A produção também varia de acordo com a política governamental, que atualmente volta-se para a diminuição da produção de açúcar e aumento da produção de Alcool (9).

3.2.1 - MODIFICAÇÕES CULTURAIS

"A vida começou a mudar em 1951 quando começaram a comprar caminhão e trator aqui, porque antes era aquele trabalho que vinha da antiguidade, ... Então não se tinha ligação com ninguém. Ali no 51 alguém começou a comprar caminhão, um trator, aí começou a sair gente ... tinha mais comunicação com a cidade, com os bairros, todo lugar."

Com a entrada da energia elétrica, os bailes acabaram, predominou o rádio; com os caminhões já havia maiores facilidades de sair dos bairros e tudo se modificou:

"Nós éramos pobre, mas vivíamos a natureza, porque todas as casas tinha lamparina ... depois que chegou a energia elétrica vai ser 100% de melhoria, mas acabou tudo, porque aí começou o rádio, aí começou a televisão, o modernismo."

Nesse período, ocorreu as primeiras modificações do grupo: as novas gerações adquirem visões diferentes de seus pais e estabelece-se um novo modo de vida.

Num primeiro momento, as manifestações ocorreram com relação ao dialeto que, até então, era utilizado na vida da comunidade e também na escola:

"Eu casei novo, em 1937 e muitos casaram nesse ano também, e aí começou a nascer filho nosso, e aí eu pensei assim: se eu sofri tanto e não aprendi português, esses meninos não vão falar

tirolês não, vou ensinar o português pra eles, porque eu sabia também. Eu comecei a falar só em português com eles e aí mudou tudo ... Aí os meninos iam para a escola e se entendia em português já, começaram a esquecer aquele tirolês."

"Na cabeça dos professores quando dava aula ali na escola nossa, era dar aulas de português pra nós, porque tudo falava em tirolês. Eles falaram: 'precisa infundir em vocês conversar', e começou uma palavrinha, duas palavrinhas... Então pra enfiar a língua portuguesa na escola ali demorou um bocadinho porque a tradição não era isso, para exterminá-la não é fácil, vai muitos anos."

A preocupação dos pais em ensinar o português para os filhos tinha uma relação direta com a educação, muitos não queriam mais ver seus filhos na lavoura e a partir daí todos estudaram. É natural, nas entrevistas, notar o orgulho dos pais em listar as profissões dos filhos: professores, enfermeiros, mecânicos e padres. Os próprios pais procuram outros serviços, deixando a lavoura e partindo para profissões autônomas, principalmente, pedreiro e encanador.

"Trabalhei até os 50 anos. Aí depois eu vi que a lavoura não dá muito lucro, mesmo a cana também não me dava muito. Aí o que eu fiz? Eu tinha bastante contato com pedreiro e comecei, comprei umas ferramentas e trabalho de pedreiro até hoje.

Os meus filhos foram mais espertos do que eu. O primeiro, com onze anos e meio foi pro Colégio, se tornou padre; a segunda é professora; o terceiro enfermeiro; o quarto enfermeiro... Tem um na Caterpillar e outro, não quis estudar, trabalha em torno, mecânica..."

Os casamentos internos continuam existindo, porém em menor intensidade. Essa situação se reverteu por volta da década de 30. Constatamos, em entrevistas, que chegou um período em que faltaram mulheres para o grupo e os homens foram obrigados a procurar esposas em outras localidades. A partir de então inicia-se uma maior abertura do grupo, aceitando uma melhor integração com a região.

"... Começaram a casar assim, depois chegou uma época que saíram mais de 30 moças daqui pra serem freiras, e ficaram freiras. Então os moços ficaram sem nada aqui, aí precisaram sair, uns foram pra cá, outros pra lá, aí começou a entrar gente estranha, nessa base ali. Então, por causa disso, foram trinta e tantas moças e não voltou nenhuma, então dava um jeitinho."

A abertura do grupo é sempre vista de forma favorável, o trabalho na cidade gerou maior infra-estrutura para o grupo, entrou dinheiro de fora para dentro, muitos construíram ou reformaram suas casas, compraram automóveis e tratores e estabeleceram um sistema de transporte que permitiu continuarem morando nos bairros e trabalharem na cidade (10). Foi a saída encontrada contra o isolamento, pois novas idéias foram sendo incorporadas, hábitos e costumes rígidos substituídos.

Os entrevistados apontam algumas vantagens de se morar nos bairros de Santana e Santa Olímpia:

"... moram aqui porque é mais fácil, porque os que foram para a cidade daqui, então o que aconteceu? eles têm emprego lá, então venderam os lotes lá e fizeram a casa aqui na casa do pai, que é deles mesmos."

"Temos 14 ônibus a disposição aqui, se não tivesse ônibus teria que morar na cidade e nós não queria, quando tava com criança assim. Então vai e volta."

"Em Santana eu fiz um levantamento em agosto do ano passado [1989] era 650 [habitantes], só ali em Santana. E o interessante era o seguinte: havia 150 casas e havia 152 casais ... quando eles casam lá eles querem casa, você pode ver lá, uma porção de casa em construção ..."

Portanto, percebe-se que a partir das décadas de 30 e 40 se iniciou lentamente o processo de desagregação cultural nos dois bairros, principalmente devido a uma maior abertura do grupo frente ao contato com o meio urbano. Dessa forma, novos valores foram sendo adquiridos, como a mudança nas relações familiares: os casamentos tornam-se mais abertos, aceitando-se pessoas "estranhas" ao grupo; modificam-se as formas de produção na agricultura - passagem da policultura para cana de açúcar e, posteriormente, a troca da agricultura pelos serviços urbanos ocasionando a concentração de terras e viabilizando o sistema de arrendamento entre as famílias. Por último, um maior contato com a cidade proporcionando uma maior urbanização dos

bairros (11).

Por outro lado, a substituição de valores culturais e a necessidade de adaptação às novas condições não significam desestruturação de sua antiga cultura. Fatores como a religião e o sentimento de lealdade que prendem o imigrante à sua cultura auxiliam na sua preservação, ou mesmo, na capacidade de transmiti-la às novas gerações.

Assim, apesar das modificações ocorridas em decorrência das novas atitudes das gerações jovens frente à modernização dos bairros, o sentimento religioso - fé, honestidade, moral -, a educação familiar rígida e o trabalho ainda permaneceram de forma bastante arraigada. Este é o resultado da forte relação com seu passado, através da imagem de seus "nonos", e que os auxiliou na manutenção das tradições e na formação de uma memória coletiva.

Através de histórias, crenças e costumes passados durante os anos de permanência no Brasil, criou-se um sentimento étnico muito forte. Hoje os jovens podem concretizar o sonho de seus antepassados:

"Nossos velhos deixaram a raiz: nunca desanimar na vida, nem que seja pra sobrevivência. Esse é o nosso princípio."

NOTAS

01. Piracicaba foi fundada oficialmente a Primeiro de Agosto de 1767 e inicialmente servia como ponto de pouso e abastecimento aos que se dirigiam para o Iguatemi - praça militar arrasada em 1777 pelos paraguaios.
02. " ... aos poucos, Limeiro, Taquaral, Monte Alegre, Monjolinho, Morro Azul, Pau Queimado - grandes propriedades de terras que abrangem não apenas o atual município de Piracicaba, mas de Campinas, Itu, Porto Feliz, Limeira, Rio Claro, Araraquara - tornar-se-ão centenas de outras propriedades." (Neme, 1939:126)
03. Sobre o período de intervenção do Estado na agroindústria açucareira, conferir José César Aprilanti GNACCARINI, Estado, ideologia e ação empresarial na agroindústria açucareira do estado de São Paulo, 1972; e Tamás SZMRECSANYI, O planejamento da agroindústria canavieira do Brasil - 1930 a 1975, 1979.
04. Já na década de 1920 surge em Piracicaba as "Oficinas Dedini" fabricando e reparando equipamentos para usinas e destilarias. Em 1943 é fundada a CODISTIL - Construtora de Destilarias Dedini S.A. - fabricando aparelhos e equipamentos para produtores de álcool e aguardente e, também nessa época, surge a MAUSA - Metalúrgica de Acessórios para Usinas S.A. - que produz equipamentos para indústrias de açúcar e papel (Bueda, 1972:98).
05. "Fixava esse Estatuto um limite máximo de participação na produção e transformação das canas da própria usina e dos fornecedores, que correspondia, respectivamente, a 60 e 40%. Criava o sistema de quotas de produção do fornecedor ao fundo agrícola, isto é, a área de terra de plantação da cana e não ao proprietário titular propriamente. Essa vinculação impedia a comercialização da propriedade ou das quotas de forma separada e garantia ao arrendatário os direitos obtidos pelo fornecedor." (Neves, 1981:60)
06. Distribuição das propriedades do município de Piracicaba segundo suas áreas. Fonte: Censo Agrícola de 1940, 1950 e 1960.

ANO EN.º DE ESTAB. / ÁREA HA.	1940		1950		1960	
	Número de estabelecimentos	Área: ha	Número de estabelecimentos	Área: ha	Número de estabelecimentos	Área: ha
Menos de 50	2.149 (82%)	33.744 (21%)	1.302 (71%)	24.725 (17%)	1.289 (76%)	20.765 (15%)
Menos de 200	367 (14%)	35.704 (23%)	388 (21%)	35.939 (25%)	264 (16%)	25.329 (19%)
200 a mais	118 (4%)	88.504 (56%)	147 (8%)	83.937 (58%)	142 (8%)	87.784 (66%)
TOTAL	2.634 (100.0)	157.952 (100.0)	1.837 (100.0)	144.601 (100.0)	1.695 (100.0)	133.878 (100.0)

07. A partir da década de 40, as fazendas de Santa Olímpia e Santana tornam-se bairros rurais.
08. O sistema de arrendamento é feito através de um contrato de parceria agrícola, geralmente com prazo de cinco anos onde o parceiro rural cuidará das terras e pagará ao parceiro proprietário, em geral, 40 toneladas de cana por alqueire ou 20% da sua produção total entregues à usina. (Entrevista realizada com um arrendatário rural, bairro Santana)
09. Dados fornecidos pelo Instituto do Açúcar e do Alcool, Piracicaba, 1985. "O aumento da produção a partir de 1970 se deve ao crescimento das vendas de açúcar ao mercado externo e à criação do Programa Nacional de Melhoramento da cana-de-açúcar - PLANALSUCAR. Essa entidade, disposta de maior autonomia financeira, por contar com recursos advindos do Fundo Especial de Exportação, pôde estimular a modernização da agroindústria açucareira." (Neves, 1981:61)
10. Foi criada a Empresa Stenico para manter um sistema de transporte entre os bairros de Santa Olímpia e Santana com a cidade de Piracicaba. Além dos serviços de transporte dos moradores, há ônibus que se dirigem diretamente às empresas onde os tirolezes trabalham e levam os estudantes às escolas da cidade.
11. A substituição de um valor cultural, segundo Willems, pode ter causas endógenas - necessidade de adaptação a novas condições geográficas - e exógenas que ocorrem através do contato com a população nativa (1946:16). No caso dos tirolezes de Santana e Santa Olímpia, a mudança de atitudes se traduziu pela quebra do isolamento cultural condicionada, basicamente, pela expansão das atividades econômicas e maior processo de urbanização.

C A P Í T U L O I V
REPENSANDO AS ORIGENS

CAPÍTULO IV - REPENSANDO AS ORIGENS

Os bairros de Santa Olímpia e Santana atingem atualmente uma média populacional de 1.500 habitantes. Os bairros prosperaram e adquiriram uma infra-estrutura de um bairro urbano, permitindo aos seus moradores uma vida mais agradável e tranquila. Muitas famílias voltaram a morar junto aos seus parentes e justificam a escolha por ser um local adequado para se criar os filhos.

Nos finais de semana percebe-se uma grande agitação nos bairros, quando todos se encontram para conversar, em frente à igreja após a missa dominical; nas rodas de bares ou mesmo no campo de futebol - esporte muito difundido entre jovens e adultos. O povo ainda preserva sua característica de apego à terra e à religião católica; preserva o dialeto - mais utilizado pelos idosos - e as cantigas trazidas pelos seus antepassados.

Segundo o Vigário que administra as duas igrejas, dos bairros de Santa Olímpia e de Santana, também tirolês, a existência dos bairros ajuda a união familiar e, principalmente, a tradição familiar. Os filhos respeitam a vontade dos pais como antigamente, a vida em comum foi mantida e, para ele, este é o fator mais positivo da comunidade.

Após a vinda dessas famílias para o Brasil, a separação de seu país de origem foi total. No país adotado, percebemos que os bairros e suas famílias guardaram em suas lembranças e atos a imagem de um país do século passado, e transmitida através das gerações. Conseguiu-se preservar toda uma cultura e tradição pelo fato de estarem isolados de

outros tirolezes.

Neste capítulo, procuramos discutir a situação atual do grupo de tirolezes de Piracicaba. A partir da década de 70, mais precisamente 1977, quando foi comemorado o Centenário da vinda de seus antepassados para o Brasil, o grupo recomeçou a pensar em suas tradições e desenvolveu várias atividades direcionadas para a sua manutenção.

Após o centenário, o grupo redescobriu o país de origem - Trento - através de contatos com o Circolo Trentino de São Paulo e, a partir desse momento, iniciou um intercâmbio entre a comunidade de Piracicaba e seus parentes na Itália. Esse contato propiciou todo um movimento de valorização das suas tradições, através do qual gerou a necessidade de se repensar as suas origens.

Realizamos entrevistas com jovens de Santa Olímpia e Santana objetivando compreender esse processo de retorno às tradições e as expectativas do grupo frente a essas mudanças. Nossa preocupação ao estudarmos o momento atual foi procurar perceber a visão dos jovens com relação à esse movimento e a sua prática cotidiana na tentativa de se preservar a cultura de seus "nonos".

4.1 - MODO DE VIDA ATUAL

Apesar de todas as modificações sofridas pelos bairros de Santa Olímpia e Santana, a mudança de atitudes das gerações mais novas não provocou a desestruturação cultural total do grupo, pois algumas tradições permaneceram: as festas, a formação religiosa, a culinária típica.

Porém, do ponto de vista dos mais velhos, os jovens já não se preocupam com as tradições. A maior facilidade de locomoção e os contatos com o meio urbano ocasionou uma maior abertura cultural dentro dos bairros e provocou novas atitudes da juventude com relação à formação religiosa e a educação rígida que as famílias sempre procuraram manter. Hoje, os jovens estudam e trabalham fora, passando a maior parte da semana na cidade e restringindo a convivência com os familiares aos finais de semana.

Os bairros de Santana e Santa Olímpia não proporcionam muitas atividades aos jovens (1). Muitos dizem estar acostumados com essa situação e procuram se divertir a sua maneira: reúnem-se em frente à igreja nos finais de semana para conversar, cantar e namorar; os rapazes, aos domingos, jogam futebol e levam uma grande torcida ao campo, além do jogo de bocce; mas a animação maior ocorre em dias de festa e em casamentos.

Os jovens nos colocaram que a integração entre os habitantes dos bairros ainda é intensa, porém muitos deles procuram diversão fora, ou seja, em lanchonetes e boites da cidade de Piracicaba.

"... não mudou muito desde que a gente era criança [os bairros]... A gente se reúne quando tem baile, quando tem casamento, às vezes uma brincadeira, jogo de futebol no domingo... Procura se divertir, procuram diversão: boite, lanchonete, discoteca, o pessoal quer ver gente, conviver com pessoas diferentes ... chega o final de semana, tem carro, procura conhecer"

Ao procurar diversão na cidade, é frequente

saírem em grupos. Essa relação se estreita pelos laços de parentesco que os unem, demonstrando a união que existe entre eles. Por outro lado, a saída em grupos também foi colocada como um ato que gera segurança, principalmente das jovens com relação aos rapazes (2).

"... no carnaval, o pessoal vai para Charqueada, mas o importante é que vai bastante gente. Se for a maioria o importante é que um fica observando o outro... Você vai no carnaval, de repente alguém mexeu comigo, eu sei que eu vou ter o pessoal, a gente sabe que pode contar, isso é importante." (3)

"O que tem de bom é isso, lá fora é sempre um risco, então se junta."

Por outro lado, os jovens tirolezes são muito bem vistos pelas "pessoas de fora" (4). Nas lanchonetes que frequentam, nos lugares por onde passam deixam sempre a imagem da alegria e a certeza de novos convites para retornarem.

"... se eles vão numa lanchonete, de repente eles são a atração... às vezes convidam para um casamento, tem festa, eles são a atração, então cantam ..."

Como vimos anteriormente, a música sempre foi parte integrante do divertimento da juventude nas décadas anteriores. Após o trabalho na lavoura todos se encontravam e cantavam as cantigas tirolezas, dançavam e namoravam. Isso não se modificou atualmente, a música ainda é muito presente na vida dos jovens.

é essa alegria traduzida em música que

atrai as pessoas de fora aos bairros de tirolezes. Sempre que uma festa é programada há participação maciça da população da cidade de Piracicaba, bem como de outras regiões.

"... dia de festa a maioria das pessoas que vêm aqui é de fora, e vem porque gostam, estão acostumados, ouvem falar do baile, vêm pra cantar."

"Quando tem festa, depois do almoço, o pessoal se reúne num canto, junta umas mesas, cantam até seis, sete horas."

A integração ainda está presente nos bairros. Os jovens procuram, a sua maneira, várias formas de diversão, mas não se diferem muito das que ocorriam com seus antepassados. Apesar de procurarem diversão na cidade, uma forma de proporcionar novos relacionamentos, ainda nos bairros existem fortes laços de parentesco e amizade que unem esses jovens. "Aqui, todo mundo se conhece e é muito legal."

4.2 - ATIVIDADES CULTURAIS

Em agosto de 1977, os moradores de Santa Olímpia e Santana promoveram uma grande festa para homenagear o Centenário da Imigração de seus "nonos" para o Brasil. A partir desta festa se iniciou toda uma movimentação cultural por parte de seus descendentes.

O marco da festa foi a divulgação de uma obra escrita por um historiador, descendente de Bortolo Vitti, que sempre trabalhou na tentativa de preservar as tradições

de sua família. Trata-se de uma biografia romanceada sobre seus bisavós, recontando a saga da família Vitti, desde sua saída do Tirol até a morte de Bortolo, quando instalados na fazenda Santana (5).

Este romance, escrito no dialeto tirolês, baseia-se em documentos e informações recolhidas pelo historiador junto aos filhos de Bortolo - seus avós - e permite, segundo o autor, a prova de preservação da memória de seus ilustres pioneiros.

A festa do Centenário gerou uma oportunidade exclusiva ao grupo, quando a festividade foi filmada e divulgada pela televisão, bem como contou com a presença do Cônsul da Austria e outros representantes diplomáticos e autoridades de Piracicaba. Dessa forma, o fato repercutiu pela região e algumas pessoas se interessaram pelo grupo.

"Dai que foram conhecer nossa região aqui, porque na Itália não conheciam a nossa região, nem os parentes nossos que moravam lá não conheciam. Foi um cara que tava aqui nas Águas de São Pedro, chamava Túlio Bragaia. Então ele assistiu pelo Fantástico, depois ele veio aqui conhecer e ele foi para São Paulo e indicou pros de São Paulo lá, esse encarregado veio aqui".
(6)

"... Tudo começou a partir da festa, passou na televisão e o pessoal se interessou..."

Surgiram os primeiros contatos com o Circolo Trentino de São Paulo e, posteriormente, surgiu a possibilidade de maior intercâmbio entre os tirolezes da Itália e os de Piracicaba. Finalmente o grupo retomou o

contato com a Província de seus antepassados e as relações com Trento - região de origem - foram reativadas e aprofundadas (7).

Em agosto de 1987, por volta da comemoração dos 110 anos de imigração, a data foi festejada com a fundação do Circolo Trentino Di Piracicaba (8). Nessa festa foram organizadas várias atividades culturais: a apresentação de uma peça teatral contando a história da imigração - "A vinda dos imigrantes"; grupos de danças e de músicas tradicionais e um grande almoço com pratos típicos (9).

Essa situação propiciou a conscientização da população com relação às tradições tirolezas e o interesse pela sua cultura recomeçou. Nesse sentido, o grupo se interessou em reativar as relações de parentesco com o país de origem e passaram a se organizar na tentativa de recuperar suas tradições.

"... há cinco anos atrás [1985] a gente achava que nem o dialeto era língua italiana, ninguém sabia onde se falava isso; ninguém sabia que em algum lugar da Itália se falava ainda o que se falava aqui. Então por isso que acabou também, porque a gente não tinha instrução, a gente achava que isso nunca ia ser necessário... ainda que o pessoal falava que o dialeto era misturado com alemão e português, que nós tínhamos inventado. Então, a importância tá aí, que depois que foram para São Paulo, que conheceram os trentinos, que começaram a descobrir que tinha uma ligação, uma relação muito grande, daí que começou realmente a voltar..."

Os tirolezes de Piracicaba permaneceram isolados por um século. Não havia conhecimento sobre a existência de outras comunidades tirolezes no Brasil, além de seus familiares que se dispersaram durante o período da imigração; não localizavam geograficamente sua região de origem e não sabiam que o dialeto utilizado pelo grupo ainda permanecia na região trentina da Itália (10).

"Daí que o pessoal começou a despertar, a acordar, nós temos uma raiz ... porque a nossa tradição tinha um fundamento, porque até aquele momento a gente achava que não tinha. A dança, o dialeto, aqueles cantos foi passado mas ninguém sabia direito como era. Então era realmente uma confusão tremenda que existia entre nós e devagar que foi se descobrindo..."

Ao localizar seus parentes na Europa, foi possível reatar as relações, inicialmente através de correspondências, troca de jornais e literatura entre a comunidade e a Província de Trento. Em 1988, um grupo de tirolezes residentes em Corteggiano/Trento veio à região de Piracicaba conhecer e visitar as famílias tirolezes. Os entrevistados relataram sobre a primeira visita de seus parentes trentinos:

"... quando veio a primeira turma de lá eles acharam tão bonito..., é bonito quando a gente vê um parente e a gente não conhecia, pensava que não existia mais ninguém... Chegaram aqui falando o mesmo dialeto, como eles falam lá a gente fala aqui. Daí teve aquele entrosamento."

"... a surpresa para eles porque vieram aqui e

encontraram, bem dizer, há 30 anos atrás existia o que existe aqui lá. Então elas reviveram o que não existe mais lá."

Nessa visita, percebeu-se a estreita coincidência entre o dialeto dos visitantes trentinos e o do usado pelos moradores mais velhos do bairro. Foi uma surpresa muito grande para os trentinos a relação observada nos bairros ainda hoje, do ponto de vista familiar, religioso e cultural, que os remetiam às lembranças das antigas tradições de seus antepassados.

As diferenças entre as duas comunidades, apontadas pelos entrevistados, se referem ao modo de vida "fechado" dos trentinos, que se difere da vida "aberta" que os tirolezes de Piracicaba possuem (11). A receptividade que tiveram aqui foi marcante, e os entrevistados analisam esse ato como reflexo da "determinação" que o fator parentesco propiciou à essa integração - trentinos e tirolezes de Piracicaba.

"O que eles mais gostaram aqui era isso, por exemplo, vinha aqui e nunca viu eles e recebia como se conhecesse, acho que é o laço de parentesco que fazia isso."

A explicação que os entrevistados sugerem em relação a essa "vida aberta" do grupo, mostra que a união das famílias ocorre segundo o grau de parentesco, afinal, quase todos são descendentes das mesmas famílias (8). Por outro lado, o isolamento do grupo durante décadas gerou a união de seus habitantes:

"Os nonos vieram em poucos, o que elas tinham pra fazer aqui pra se divertir, recordar de onde

vieram era se reunir, um ir na casa do outro, então é dali, não perdeu o costume."

Portanto, a impressão que deixam para os seus parentes trentinos é a mesma imagem criada para os habitantes da região, "os de fora": é a espontaneidade, a alegria e a comunicabilidade transmitida com muito calor humano. Essa é a tradição maior que guardaram de seus "nonos".

"... no fim o pessoal gosta daqui por isso, da maneira espontânea que a gente vive, é o jeitinho brasileiro com um pouco de tradição, e no fim a gente consegue ser comunicativo."

4.2.1 - GRUPO DE MÚSICA

Os grupos de música e dança foram organizados inicialmente para a Festa do Centenário, mas já existiam anteriormente pessoas que se reuniam para cantar as músicas tradicionais. Com o surgimento do Circolo Trentino Di Piracicaba esses grupos se organizaram e, atualmente, divulgam as tradições tirolezas fora dos bairros.

A música sempre fez parte da vida dos tirolezes de Piracicaba, pois não existe festa ou reunião sem que algumas pessoas se juntem e se coloquem a cantar as músicas trazidas pelos imigrantes. A origem dessas músicas, como explica um entrevistado, vem da época da colheita onde seus antepassados se reuniam, faziam festas e cantavam por essa época "abençoada". Hoje, não se canta mais no período da colheita, mas as festas e as cantorias continuam.

Essas músicas são exclusivamente regionais -

foram trazidas pelos imigrantes que as cantavam para recordar sua pátria distante. São músicas que falam das terras distantes, das montanhas e das plantações, das guerras e das mulheres. Dessa forma, recordam a família, a cidade, etc, é uma maneira de reviver o que deixaram para trás.

Segundo um dos integrantes do grupo de música - que aprendeu a gostar de música acompanhando os mais velhos, desde sua infância, e cantando com eles - o sentido da música para o bairro é a diversão. Porém, a música hoje adquiriu um novo valor, revelando, através do entendimento de sua tradução, o seu verdadeiro significado para os seus velhos (12).

Em 1990, o grupo de música possuía entre 15 e 20 integrantes, ensaiados por um maestro de Piracicaba que vinha ao bairro uma vez por mês. O maestro trouxe novas músicas e o repertório se compunha de 80 a 82 músicas.

Atualmente, o Circolo Trentino Di Piracicaba organiza os compromissos do grupo de músicas: apresentação em emissoras de rádio da cidade, convites para festas em outras comunidades tirolezas e outros municípios.

"Nós tivemos três vezes no Edifício Itália em São Paulo ..., um dia tinha um cantor famoso da Itália. No fim da festa, ele chamou nós lá em cima pra cantar."

A receptividade do público é muito boa, porque eles expressam muita alegria e diversão:

"Em qualquer lugar que nós vamos eles gostam, porque eles acham que nós somos alegres, entusiasmam ..., muitos não acreditam que jovens

cantam essas músicas italianas, eles acham que quem canta isso aí é só os mais velhos."

Em 18 de agosto de 1990, no bairro Santa Olímpia, foi criado o Coral Stella Alpina, iniciativa da comunidade para manter suas tradições trentinas e resgatar sua história. São 65 participantes e um repertório dividido em músicas tirolesas, populares, eruditas e natalinas, sendo as mais tradicionais: Quel Mazzollin Di Fiori; El Canto De La Sposa; La Vilanella; Quatro Passi e La Montanara.

Todo o material utilizado pelo coral veio da Itália e precisou ser adaptado para o Coro Misto, pois na região trentina a tradição era a existência somente do coro masculino, denominado "Canto da Montanha" (13).

4.2.2 - GRUPO DE DANÇA

O grupo de dança possui uma trajetória semelhante ao de música: se organizou a partir da Festa do Centenário, onde as mulheres mais idosas ensinaram as danças às jovens.

"Então tinha a vó dele, depois tinha umas de mais idade que elas lembravam de como as avós, as mães delas que vieram de lá dançavam e aí elas nos ensinaram, na época do Centenário."

Inicialmente o grupo conseguiu recuperar três danças que as avós se lembravam e, posteriormente, organizou-se um grupo de casais formado por quatro pares, um grupo de moças e um grupo de crianças (14). As atividades também estão a cargo do Circolo Trentino Di Pinacicaba que organiza os compromissos, sendo o mais importante a Festa das Nações (15). São os jovens que encaminham esse grupo e

demonstram muita seriedade nessa responsabilidade adquirida, procurando apresentar as suas tradições para toda a cidade.

" Tanto o grupo de dança como o de canto já existia, estava sem organização. Agora, o que levou a gente, sei lá, tá no sangue da gente, a dança no caso. Eu gosto de dançar qualquer tipo de música, então eu vou deixar de fazer parte de um grupo de dança se eu gosto de dançar? Fica meio sem nexo ... o pessoal gosta, que nem eles que cantam, a gente sente que é o sangue deles, não consegue ficar sem cantar."

Em Santa Olímpia, o grupo de danças folclóricas surgiu em 1987 e conta atualmente com cerca de 25 pessoas e um repertório de 15 músicas. Para dançar, os casais se vestem com roupas vermelhas, azuis e verdes, características da região do Tirol.

Em entrevista concedida ao Jornal de Piracicaba, um dos criadores do grupo de dança colocou:

"Na minha infância as tradições eram mantidas sem a necessidade de se criar grupos visando a manifestação cultural." (Jornal de Piracicaba, 14 dez. 1991)

Percebemos que existe, por parte dos jovens, um sério compromisso em resgatar as tradições de seus antepassados, que deixou de estar presente no cotidiano da comunidade. A formação do Circolo Trentino Di Piracicaba, e a organização de suas atividades culturais, procurou incentivar cada vez mais os jovens a participarem. Hoje percebem que é necessário também trabalhar com as crianças, com as futuras gerações:

"Se a gente não começar a trabalhar com as crianças, com os jovens, os jovens aqui hoje são poucos os interessados, então a gente precisa correr atrás disso. Mas já mudou bastante, melhorou bastante, depois da formação do Circolo, tentando trazer de volta."

Portanto, a consequência imediata do processo de modernização dos bairros foi a mudança na maneira de se viver as tradições trentinas, a nível cultural. A maior proximidade com Trento proporcionou aos jovens um novo incentivo para a recuperação e manutenção dessas tradições.

4.3 - INTERCAMBIO CULTURAL

Os tirolezes migraram para o mundo todo, mas os bairros de Santana e Santa Olímpia são considerados as únicas comunidades tipicamente trentina. Assim, o Circolo Trentino Di Piracicaba visa resgatar as raízes culturais de seu povo, conjuntamente com a entidade a que está ligado a nível mundial.

O Circolo Trentino, a nível mundial, possui dois mil participantes com idade de sete aos setenta anos e procura promover o intercâmbio entre os integrantes à região de origem, além de enviar literatura aos imigrantes.

Todos aqueles que provarem com documentação a descendência trentina e dominarem fluentemente o idioma - dialeto ou italiano - poderão participar do intercâmbio cultural conhecido como "Soggiorno". Trata-se de uma viagem cultural num período de 20 dias de estudo e passeio, com direito à passagem aérea, hotel e traslado gratuito.

envolvendo passeios turísticos pela região trentina, atividades culturais - visitas a teatros, museus, exposições de arte, etc - e participação em aulas nas universidades italianas (In Jornal de Piracicaba, 14 dez. 1991).

Para a América do Sul são destinadas 40 vagas a jovens da Argentina, Brasil, Chile, Uruguai e Venezuela, sendo que para a comunidade tiroleza de Piracicaba estão reservadas quatro passagens anuais.

Para a comprovação da descendência dos candidatos, o Circolo Trentino Di Piracicaba se vale de cópias do batistério da Igreja Católica de Trento, período de 1850 a 1892. A pré-seleção para a escolha dos participantes é realizada pelos membros da diretoria da entidade, baseada em seu Estatuto.

"A proibição em possuir alguma tendência político-partidária e a exigência de preservar a neutralidade diante de qualquer movimento político, são os artigos que mais se destacam no Estatuto Trentino por estarem preocupados em preservar suas tradições." (Jornal de Piracicaba, 14 dez. 1991)

Em Santa Olímpia e Santana alguns jovens já participaram desta viagem. Escolhemos, para efeito de análise, entrevistas que realizamos com esses jovens: entre elas, entrevistamos o primeiro jovem, morador de Santana, que realizou essa viagem de intercâmbio em 1988 e, posteriormente, jovens que participaram em 1989.

A primeira viagem de um jovem do grupo para Trento gerou uma grande emoção para as pessoas dos bairros, pois até então ninguém havia viajado para a Itália,

isso parecia impossível de ser realizado um dia. Com a oportunidade oferecida pela Província de Trento a um desses jovens, todo o grupo se mobilizou e com ele foi "um pedacinho de cada um". Era o sonho de cada morador de Santana e Santa Olímpia que se realizava: conhecer a terra de seus antepassados; era a confirmação da imagem mítica de um Tirol que lhes foi narrado através dos anos, mas que não se sabia ao certo se existia.

"Eu fui pra lá, e descobri que o Tirol é lindo, a viagem de Trento para a Áustria que passa na região do Tirol. Realmente o nono tinha que chorar quando saiu de lá, as montanhas, é a coisa mais linda do mundo, as casas com flor, é uma paisagem que não vou esquecer jamais."

As pessoas que participaram dessa viagem entendem que possuem uma certa responsabilidade, pois não se trata apenas de um passeio, mas sim de uma experiência que precisa ser bem aproveitada para que possam, mais tarde, transmitir aos que ficam. A preocupação desses jovens quando participam do intercâmbio, como nos foi colocado, é a de apresentar um retorno à comunidade através de suas experiências; essa preocupação é citada pelo fato de estarem sendo financiados pelo Circolo Trentino - uma entidade que representa o coletivo. Dessa forma, se sentem como representantes daqueles que não tiveram essa oportunidade.

As palestras que são organizadas durante o intercâmbio visam situar os jovens descendentes de tirolezes no processo histórico ocorrido na Província: as causas da imigração de seus antepassados; as guerras pelas quais passaram e como se inverteu a situação. É a visão de mudança

de uma Província que, abalada pelas diversas guerras, se reconstituiu e, atualmente, tornou-se uma Província próspera e desenvolvida, autônoma e com estabilidade econômica e política (16).

Os jovens são incentivados para atividades como a política, educação e desenvolvimento agrícola, fatores que permitiram o desenvolvimento da Província:

"... o pessoal quer mostrar pra gente que quando os nossos bisavós saíram de lá era terrível a situação, era até pior do que hoje estamos passando aqui no Brasil porque, além de tudo, lá tinha a neve e o problema da guerra ... Então agora o pessoal da Província quer mostrar pra gente que a situação se inverteu, porque Trento realmente é uma potência, é uma Província autônoma, tem muito dinheiro e é muito organizada ... A região de Trento é fantástica, não tem um pedaço de terra que não seja cultivado: no quintal, na frente, é pé de uva, de maçã, as hortas misturado com flor, eles aproveitam cada pedacinho de terra, porque não é muita terra que eles tem, é pequeno, é lindo."

Com relação ao objetivo do Intercâmbio Cultural para a Província de Trento, foram levantados dois fatores: por um lado, alguns jovens acreditam que a Província procura mostrar o seu desenvolvimento, de forma que os jovens que participam desse intercâmbio possam levar a seus países de origem essa experiência, procurando vivenciá-la em cada comunidade. Por outro lado, acreditam que seja um incentivo à migração, dado que o êxodo de jovens da região

é muito intenso - procuram outras cidades maiores como Milão e Roma. Esse aspecto foi abordado devido à Província oferecer chances aos descendentes de tirolezes para estudarem em Trento, principalmente na área agrícola.

Os jovens brasileiros não se preocuparam em entender essa questão, apenas ressaltaram a importância de se aproveitar a oportunidade oferecida:

"Inclusive eles dizem, o que a gente aprende, o que eles mostram, a maneira como eles se organizam, a gente deve tentar trazer e viver onde a gente vive. Inclusive, eles incentivam a gente a participar da política, porque a política que vai mudar o país, vai mudar as coisas devagarzinho. Então, eu vejo assim, eu falei que não adiantava a gente entender o lado deles, que a gente tinha que aproveitar a chance que eles deram pra gente e tentar levar o melhor pra gente viver."

A experiência que mais marcou esses jovens foi o reencontro com seus parentes da Itália e a emoção de estar na terra de seus bisavós; é o encontro das mesmas tradições que se perpetuam em espaços diferentes. Por outro lado, os trentinos demonstram grande surpresa quando vêem jovens de outros países falando o seu dialeto, muitas vezes melhor que seus próprios habitantes (17).

"O dia que eles trouxeram o Canederli, que é a mesma comida que a gente faz aqui há tantos anos, no fim a gente percebeu que dos 43 [integrantes] do Brasil, Chile, Argentina, todo mundo comia aquilo... As músicas que eles

cantam aqui eles cantam lá também, mas só que são os corais, não é como aqui que tem uma festa e a gente começa a cantar, lá não existe isso, aqui é espontâneo." (18)

Um fato interessante, narrado por um dos entrevistados, foi a descoberta de novos parentes na Itália (família de seu pai); pessoas que há mais de 30 anos não se lembravam de seus parentes do Brasil, e cujas relações, até até então esquecidas, foram reativadas ao acaso:

"... estando no hotel, passou um 'cara' que era de Albiano, que eu sabia que era a terra do bisavô por parte de pai; e ouvindo ele falar eu me interessei. Eu levantei, pedi licença e perguntei se ele era de Albiano mesmo. Ele falou que era e eu falei que era do Brasil, e se ele conhecia algum Negri em Albiano. Ele falou que sim, que ia procurá-los e que se eles se interessassem, ia levá-los ao hotel para eu conhecer. No outro dia tava todo mundo lá, mas foi uma emoção ! Então, nossa! foi fantástico. No fim, eles já vieram pra cá, os Negri, já vieram os Vittii..."

Questionados sobre a influência que esse intercâmbio possa, eventualmente, trazer aos bairros no que se refere aos aspectos político-econômicos, os entrevistados se posicionaram de forma negativa, argumentando ser muito diferente o modo de vida dos dois países, principalmente a nível econômico. A região trentina produz uva, maçã e morango e oferece aos jovens descendentes cursos de especialização nessa área. Piracicaba está voltada para a

produção de cana de açúcar, e essas vantagens não são aproveitadas.

"O cultivo lá é da uva, morango, maçã, aqui já é tudo diferente, quer dizer, nessa parte acho que não influencia muito. Agora, Santa Catarina, Rodeio, esses lugares aí já, por exemplo, se você vai em Rodeio é uma parcela de Trento, parece o lugar que eles saíram, a montanha, o clima, tudo igual."

Percebemos que a influência do intercâmbio para a comunidade de Piracicaba não ocorre a nível econômico, visto as diferenças das duas regiões (Trento e Piracicaba) em termos climáticos, etc. O mesmo já não ocorre nas comunidades do Sul do país, pois, nesta região, é possível a produção das mesmas culturas, aproveitando, dessa forma, o intercâmbio de especialização na área agrícola. Porém, na comunidade tiroleza de Piracicaba, o intercâmbio influencia os aspectos culturais, propriamente dito, no que diz respeito a uma maior conscientização da necessidade de preservação dos costumes e, conseqüentemente, influenciando os aspectos sociais da comunidade: a comparação com um país desenvolvido, estabilizado economicamente, interfere ideologicamente a comunidade, pois esta passa a lutar por melhores condições de vida, de infra-estrutura para os bairros e por uma melhor situação econômica.

O interesse para a manutenção das tradições é crescente atualmente, pois os jovens acreditam que as relações vão melhorar, afinal o intercâmbio ofereceu novo incentivo ao grupo. Os jovens, hoje, procuram participar

das atividades culturais, preocupando-se em aprender a língua italiana ou o dialeto - um dos requisitos básicos para o intercâmbio - e, principalmente, conscientizando-se da sua responsabilidade de não deixar acabar as tradições.

"Em termos de Circolo eu me coloquei a serviço, porque eu participando do grupo de dança, fazendo o italiano eu já acho que é uma maneira da gente não deixar acabar. Então incentivar ... Agora, depois que eu fui, senti que eu não posso deixar acabar, porque tem um fundamento."

Tentamos colocar aqui trechos dos relatos dos jovens entrevistados pois refletem as modificações que o intercâmbio cultural com Trento trouxe aos bairros. Através da forma simples e emocionada que os jovens expressaram suas experiências, podemos compreender a importância assumida pelas tradições atualmente.

Essas viagens ocorridas nos últimos anos e o contato com parentes distantes, modificaram radicalmente a vida nos bairros. Muitos jovens começaram a se interessar pelas tradições do grupo porque esperam uma chance de participarem do intercâmbio. Para isso é necessário, no mínimo, aprender a língua italiana ou o dialeto, nada difícil para esses jovens que tem convívio diário com o dialeto em sua casa, com a família.

Algumas pessoas, com maior poder aquisitivo, realizam a viagem por conta própria, aproveitando convites dos parentes de Trento e permanecendo hospedados em suas casas. As narrações são sempre emocionadas sobre a constatação de uma história que lhes foi passada durante mais de um século: narram sobre as visitas nas

antigas casas de seus "nonos" que ainda estão preservadas; as igrejas, as montanhas, a região de origem de seus antepassados; procuram sentir e viver tudo aquilo que lhes foi passado.

Assim, os bairros retornam às velhas tradições, renascem novamente para se transformarem em uma nova comunidade tiroleza que hoje respeita e preserva o seu passado, tornando-se um pedaço de Trento no Brasil.

"Um povo que não conhece o seu passado é um povo que não tem cultura e que não tem condições de interpretar o seu presente." (19)

4.4. FORMAÇÃO DE UMA MEMÓRIA COLETIVA

"Halbwachs amarra a memória da pessoa à memória do grupo; e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade." (Bosi, 1987:18)

Um dos traços fundamentais do grupo de Santa Olímpia e Santana é a preservação da tradição trazida pelos "nonos" do Tirol, é a conservação do dialeto e dos costumes, das relações familiares, etc. Esses aspectos fazem parte de uma memória coletiva, uma memória guardada durante mais de um século e que influencia hoje os hábitos dos bairros, e que os diferencia da vida da região, sendo muito conhecidos no município de Piracicaba por suas festas tradicionais, sua extrema religiosidade e bondade.

Através dos dados coletados a partir das histórias de vida das gerações mais velhas e as experiências narradas pelos jovens, procuramos traçar um perfil da

comunidade tiroleza de Piracicaba referente à formação de uma memória coletiva no grupo.

Segundo Halbwachs, toda memória coletiva tem como suporte um grupo limitado no tempo e no espaço, dela fazem parte todos os indivíduos que a compõem e que trazem consigo suas lembranças individuais. A memória individual está intrinsecamente ligada a seu meio, às relações familiares e todas as outras a que este se insere (1968).

Um grupo de imigrantes que preservou suas tradições seculares, contribuindo para a permanência de sua unidade étnica, permanece, ao mesmo tempo, inserido numa sociedade mais ampla, sendo influenciado por ela. Portanto, sua permanência ou sua desintegração está relacionada com a extensão das suas lembranças, ao esforço de seus membros em preservá-las ou se adaptarem totalmente a tudo aquilo que os circunda.

Cada indivíduo pertenceu ou pertence sucessivamente a vários grupos e é no interior dessas sociedades que se desenvolvem as memórias coletivas. Dentro desse meio todos os indivíduos pensam e lembram em comum, cada um dentro de sua perspectiva pessoal mas em relação estreita com os outros (Halbwachs, 1968:68).

Segundo Ecléa Bosi, a construção social da memória se dá quando um grupo trabalha em conjunto suas lembranças. É através da criação de esquemas de narração e interpretação dos fatos, "verdadeiros 'universos de discurso', 'universos de significado'" que o grupo adquire material para a base de sua história ... A elaboração grupal seria, portanto, decisiva" (1987:27-8).

Através da convivência em família e da vida em

comunidade, os habitantes de Santa Olímpia e Santana conseguiram manter suas tradições durante as diversas gerações e as manifestam nas relações familiares, religiosas e morais.

"Quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele a transforma à sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta às coisas materiais que a ele resistem. Ele se fecha no quadro que construiu. A imagem do meio exterior e das relações estáveis que mantém consigo passa ao primeiro plano da idéia que faz de si mesmo."

(Halbwachs, 1990:133)

Dessa forma, entendemos que o grupo de birolezes de Piracicaba foi se constituindo através da união de duas comunidades que, através dos casamentos internos, se unificou, e que devido a essa prática imprimiu uma imagem própria ao seu espaço. Assim, Santa Olímpia e Santana se constituíram em uma comunidade alegre e comunicativa, traduzida em sua forma de viver no cotidiano as suas tradições.

A memória coletiva é uma corrente de pensamento contínuo, pois ela retém do passado aquilo que é ainda vivo e capaz de viver na consciência do grupo, não ultrapassando seus limites. Sua duração se estende até onde vai a memória de seus membros, ou seja, se vários acontecimentos se perdem, são esquecidos, é que os membros que guardam essas lembranças desapareceram, e que o grupo está se transformando.

A participação das pessoas mais idosas nessa sociedade parece ser fundamental, pois são elas que

revivem as lembranças do passado e que perpetuam a história do grupo, tornando presente na família e nas gerações mais novas as tradições, que manifestam a noção de uma outra época que ainda persiste na memória individual de cada um.

"A criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas haveria apenas a competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória." (Bosi, 1987:31)

Acreditamos que nessa comunidade a memória coletiva se constituiu e se solidificou em função, basicamente, do isolamento em que o grupo permaneceu durante muitos anos. A lembrança tem seu ponto de apoio no tempo, na estrutura e nos objetos preservados pelo grupo em que o indivíduo convive ou conviveu. A subsistência do tempo parece ser uma condição da memória, os acontecimentos se sucedem no tempo, mas o tempo ele próprio é um quadro imóvel, somente ele permite à memória remontar seu passado. (Halbwachs, 1968, p. 126)

Porém, essa memória estava sendo esquecida e os velhos acreditavam que seus descendentes já não se preocupavam mais com suas origens. Os bairros sofreram um processo de modificação em relação ao cotidiano, devido às transformações ocorridas com o maior contato com a cidade. Dessa forma, aparentemente, os aspectos de sua vida social, como os costumes e as tradições dos antepassados, deixaram de ser relevantes ao cotidiano do grupo.

Tendo em vista o contato com as origens que

proporcionou a aproximação com a pátria distante, e também após a fundação do Circolo Trentino Di Piracicaba, o grupo procura, atualmente, reacender suas tradições. Os jovens, ao contrário do que se esperava, voltam a se interessar pelas tradições, pois agora existe um "fundamento", um incentivo para que a memória de seu grupo seja preservada.

O incentivo para que isso acontecesse se deu justamente pela descoberta de suas raízes: o dialeto realmente existe e não foi uma coisa inventada, misturada com o alemão e o português como se supunha; suas histórias foram confirmadas através das viagens realizadas a Trento, visto que as montanhas, as casas de seus bisavós ainda estão lá, intactas; as relações de parentesco com os trentinos foram reafirmadas após um século de imigração e os costumes trazidos por seus bisavós ainda permanecem nos dois países.

Esta foi a prova que todos esperavam, agora o que era "mito", histórias e lembranças de uma geração passada é confirmada e torna-se realidade. Lutar pela preservação dessas tradições, passá-las às gerações futuras torna-se necessário porque existem laços de parentesco e étnicos mais profundos. Agora é necessário trabalhar mais e conservar essa memória coletiva porque ela vem se unir a outras memórias coletivas que pertencem a um só grupo, dos descendentes de tirolezes espalhados por todo o mundo.

"(...) na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho."

(Bosi, 1987, p. 18)

Dessa forma, entendemos que a memória coletiva se

desenvolve a partir das relações sociais - relações familiares, de trabalho, etc - e é através dessa interação entre seus membros que remontam seu passado e seu presente, que se estabelece sua permanência. Por outro lado, as memórias individuais possuem a tendência de remodelar os acontecimentos passados sob o ponto de vista do presente, sendo que as lembranças através do tempo se modificam, ou seja, a memória é continuamente retrabalhada pelos seus membros que ao interiorizar os acontecimentos, o reelaboram de acordo com seus novos hábitos, experiências, etc.

Portanto, a vida em comum nos bairros de Santa Olímpia e Santana assegura a preservação da estrutura e os valores tradicionais, pois, como explica Halbwachs, à medida que um grupo imprime sua forma no espaço e no tempo, esta se constitui em um quadro estável, criando a ilusão de que não mudou.

O grupo de tirolezes mantém essa memória viva, através da lembrança de seus velhos, da manutenção de seus hábitos, da língua, os objetos e fotografias. A própria estrutura do bairro traz consigo uma forte lembrança do passado, onde cada membro contribui para a sua permanência.

É através da inter-relação de seus membros em procurar manter acesa essas lembranças, na tentativa de resistir e recompor os traços de sua vida passada, é trabalhando em conjunto os fatos e acontecimentos, que esse povo estabelece seu lugar na história, uma forma histórica própria, que se constrói socialmente sua memória, e não esquece aquilo que lhe é significativo.

NOTAS

01. Segundo um entrevistado, houve várias tentativas em se montar lanchonetes nos bairros para os jovens, mas o resultado não foi positivo. Os bares existentes são de frequência, na maioria, masculina.
02. O discurso adotado pelos jovens sobre o fato de saírem em grupos, proporcionando maior segurança, nos pareceu uma influência da educação familiar advinda das primeiras gerações quando se observou o medo dos tirolezes com relação às pessoas estranhas ao grupo - chamadas de "brasileiros".
03. Charqueada é um município distante aproximadamente 20 quilômetros dos bairros de Santana e Santa Olímpia.
04. "Pessoas de fora" é a denominação dada pelos entrevistados àquelas pessoas que não residem no local, ou melhor, que moram na cidade de Piracicaba e região.
05. Guilherme VITTI. En contadin de Meano che s'ha fat bon brasiliano, 1o. Centenario dell'immigrazione dei tirolezi del municipio de Piracicaba-Brasil (1877-1977), 1977.
06. Aguas de São Pedro é uma estância hidro-mineral distante 30 quilômetros de Piracicaba.
07. Trento: Província autônoma, localizada ao Norte da Itália.
08. O Circolo Trentino é uma entidade internacional. Sua finalidade é reunir todos os descendentes da Província Di Trento, para preservar sua cultura através da música, dança folclórica, coral e teatro. O Circolo Trentino Di Piracicaba foi fundado em 21 de Abril de 1987.
09. O evento foi organizado pelo Circolo Trentino Di Piracicaba e pela comissão da igreja do bairro Santana, que é ligada à Paróquia do bairro Santa Terezinha.
10. O grupo conhecia e mantinha contatos com os tirolezes que imigraram juntamente com seus bisavós, os quais se dispersaram pela região quando saíram da Fazenda Sete Quedas/Campinas. Outras comunidades tirolezas mais conhecidas no Brasil são as cidades de Rodeio e Nova Trento, ambas no estado de Santa Catarina.
11. Os termos "fechado" e "aberto" se referem, respectivamente, à noção de práticas de vida "tradicional" dos trentinos (costumes mais formais e rígidos), contrapondo-se a uma prática de vida mais liberal dos tirolezes de Piracicaba (relações mais íntimas entre as famílias).
12. "... antigamente a gente cantava e não sabia a palavra, o que significava a música. Hoje a gente sabe o que é. O

maestro, além dele ensinar a música, vai traduzindo a letra..." (Integrante do grupo de música).

13. O coral Stella Alpina se apresentou pela primeira vez na Festa das Nações, em Piracicaba, no dia 26 de maio de 1991 (Jornal de Piracicaba, 14 dez. 1991).
14. Em sua viagem de intercâmbio cultural, realizada no segundo semestre de 1989, um dos participantes trouxe de Trento uma fita de vídeo com as principais danças da região e, então, o grupo de dança se empenhou em aprendê-las.
15. A Festa das Nações de Piracicaba é um evento anual, organizado por entidades assistenciais de Piracicaba, onde cada barraca representa a cultura de um país específico.
16. A Província de Trento pertencia à Austria e foi incorporada à Itália por volta da Primeira Guerra Mundial. Na ocasião da imigração desse grupo a região era assolada pela fome, falta de trabalho e por guerras motivadas pela Unificação Italiana.
17. O dialeto permanece nas regiões trentinas e é utilizado principalmente pelos mais velhos. No grupo estudado, o dialeto permaneceu idêntico àquele falado por seus bisavós a mais de um século, sendo que os trentinos se surpreendem quando ouvem jovens de outros países o utilizarem de uma forma perfeita.
18. O "Canederli" é um prato típico tirolês - trentino - e consiste de uma forte sopa.
19. Eraldo Stenico, vice-presidente do Circolo Trentino Di Piracicaba. Entrevista concedida ao Jornal de Piracicaba, publicada em 14 de dezembro de 1991.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das modificações ocorridas no grupo, cuja permanência no Brasil já ultrapassa um século, através dos seus aspectos sócio-econômicos e culturais, entendemos que o grau de desestruturação e assimilação cultural se processou de forma lenta. A substituição de valores culturais, devido ao processo de modernização dos bairros, não afetou demasiadamente seus aspectos internos, por nós observado através do discurso apresentado por seus moradores.

Dessa forma, procuramos apresentar alguns pontos de reflexão sobre as mudanças ocorridas, a fim de delinear sua trajetória social. Através dos aspectos expostos nos capítulos anteriores, procuramos montar um quadro referencial sobre o que permaneceu e o que foi modificado nesse grupo; e as possíveis tendências do grupo em relação às suas formas de preservação das tradições.

1. FAMÍLIA E PARENTESCO

A família tiroleza caracterizou-se no passado como uma família extensa e patriarcal, representada por muitos filhos sob o domínio do chefe de família - geralmente o pai. Essa característica é um traço marcante da própria condição que os trouxeram ao Brasil - imigrantes colonos em fazendas de café. Esse aspecto persiste com a compra das fazendas dado que, como vimos, as duas fazendas são compradas e trabalhadas conjuntamente, em família.

Essa estrutura de trabalho conjunto das famílias é modificada quando se dividem as terras no início do século, porém mantém-se a concepção de família trazida

pelos imigrantes. As relações familiares e os laços de parentesco originaram no grupo, devido aos casamentos internos, uma grande família.

Hoje essas relações familiares se modernizaram, mas ainda permanece a atitude generalizada de respeito e obediência do mais jovem ao mais velho. Permaneceram também os laços de parentesco como forma integradora do grupo, que se traduzem em união e segurança.

2. QUESTÃO DA TERRA

O grupo sempre procurou produzir culturas mais rentáveis para sua sobrevivência, acompanhando, quando possível, as modificações ocorridas no processo agrícola da região de Piracicaba. Com a crise do café passam à policultura, permanecendo por vários anos em lastimável estado de pobreza, vendendo apenas o excedente de suas produções.

A entrada da cana de açúcar, para o abastecimento de usinas da região, trouxe progresso à comunidade melhorando o nível de vida de seus moradores. Esse processo permitiu a saída de muitas famílias da região à procura de empregos na cidade, e permitiu também a concentração do trabalho agrícola nas mãos de poucas famílias, através do arrendamento de terras.

Hoje as terras ainda são importantes para o grupo, visto que arrendam aos parentes em vez de vendê-las. O significado desse apego às terras pode ser entendido tendo em vista a questão da unidade familiar e de agregação.

3. RELIGIÃO

De acordo com as entrevistas percebemos que anteriormente a religião foi um forte fator de integração social. Influenciou diretamente a vida da comunidade através da educação religiosa rígida, que provocou o isolamento dos bairros frente à região. Provocou também os casamentos internos, determinando até o número de filhos que os casais deveriam ter.

Atualmente, a concepção religiosa dos tirolezes em relação à orientação da Igreja sofreu várias modificações. Isso se deve à conscientização com relação às dificuldades que enfrentaram quanto ao isolamento interno e ao número excessivo de filhos, ocasionando um longo período de pobreza ao grupo.

Ainda assim a religião continua sendo fator de integração da comunidade, visto a importância dada às atividades religiosas, contando com a participação maciça da comunidade, das gerações mais velhas às jovens. O forte sentimento religioso ainda é preservado através de seus três pontos principais que, segundo os entrevistados, foram a maior herança deixada pelos "nonos": moral, fé e honestidade.

4. TRADIÇÕES

Entendemos como tradições, além da religião e das relações familiares, o dialeto tirolês, dança e música que foram preservadas pela comunidade e trazidas pelos "nonos" do Tirol.

a) DIALETO:

O dialeto tirolês foi a língua predominante na

comunidade até aproximadamente a década de 1930, mas é preservada até hoje nas famílias, principalmente entre os mais velhos, como notamos no convívio com o grupo.

Sofreu um processo de desestruturação a partir das dificuldades que surgiram em relação à educação escolar, o que provocou uma certa preocupação dos pais em ensinarem a seus filhos a língua portuguesa. A partir daí o dialeto foi utilizado a nível familiar ou de acordo com seus interesses.

Hoje, a preocupação, principalmente entre os jovens, em recuperar a língua de seus bisavós é muito grande. Por outro lado, muitos preferem estudar o italiano - língua próxima -, sendo esta a língua oficial de Trento.

b) COSTUMES:

Os costumes guardados pelos tirolezes se referem basicamente à danças típicas, músicas regionais do Tirol e à alimentação.

A música tirolesa, presente na vida dos tirolezes desde a imigração, ainda faz parte do cotidiano da comunidade: cantadas entre grupos de amigos e em festas realizadas por eles. Essa prática se transformou na "marca" dos tirolezes, que se traduz em alegria e comunicabilidade.

Com relação à diversão percebemos que os encontros em frente a igreja, os bailes e os jogos de Bocce e futebol ainda são atividades que expressam, para os jovens, a principal diversão nos bairros. Essa prática se assemelha às mesmas atividades praticadas por seus pais e avós, diferenciando-se apenas nos contatos dos jovens com a cidade.

O grupo de tirolezes de Piracicaba permaneceu

isolado com relação a outros grupos de tirolezes até a festa do Centenário da Imigração realizada em 1977; a partir desse momento o grupo estabeleceu contatos com a região de origem (Trento/Itália) resultando em uma nova integração com seus parentes até então desconhecidos. A fundação de um Circolo Trentino em Piracicaba possibilitou o intercâmbio tanto cultural como familiar entre os dois países, fortalecendo os laços familiares e proporcionando ao grupo uma nova razão para a continuidade de suas tradições, bem como de sua memória.

Portanto, os bairros de Santa Olímpia e Santana conseguiram manter, num período de 114 anos, seus traços étnicos e culturais através da formação de uma só comunidade, representada por dois bairros vizinhos, onde o fator de coesão ocorreu principalmente a partir dos casamentos internos, originando uma grande família.

O grupo criou novas condições para a preservação dos valores tradicionais, visto a formação do Circolo Trentino e a preocupação com as gerações futuras. Dessa forma, começa a surgir uma nova comunidade que se situa no espaço e no tempo construindo, socialmente, uma memória coletiva que está agora inserida numa memória mais abrangente, ou seja, a da sua sociedade de origem.

Atualmente os bairros estão cada vez mais voltados para a preservação de seus costumes e tradições tirolezas e procuram se utilizar do intercâmbio cultural com sua província de origem - Trento - para o desenvolvimento de sua comunidade.

O intercâmbio já vem gerando frutos para a

comunidade em vários sentidos. Em Junho de 1991, os bairros de Santa Olímpia e Santana, a partir da conscientização política e cultural que vem marcando essas pessoas, se reuniram para escolher um pré-candidato para disputar uma vaga de vereador nas eleições de 1992. O processo se deu através de um plebiscito e o candidato escolhido nos bairros irá representá-los na Câmara de Vereadores e, assim, obter as tão reivindicadas melhorias para seus bairros.

A comunidade tiroleza de Piracicaba, aos poucos, vai se expandindo por caminhos diversos. Mesmo mantendo as tradições e apresentarem seu jeito expansivo e alegre, os tirolezes comprovam a cada dia que lutar para a permanência de sua tradição também significa lutar por um modo de vida melhor, através da busca de novas alternativas.

Em novembro de 1992, os moradores e descendentes de Santa Olímpia comemoram o Centenário da compra da fazenda e, em 1993 será a vez de Santana comemorar a aquisição do seu espaço. Essas comemorações acabam se tornando a atividade principal dos bairros que, a todo momento, procuram demonstrar aos habitantes de outras regiões o seu orgulho em ser "tirolês" e demonstram a esperança e a perspectiva de que essa única comunidade tipicamente trentina, incrustada na região rural do município de Piracicaba, seja ainda por muito tempo uma única família, uma única comunidade.

" Os primeiros tirolezes criaram raízes nos bairros e suas gerações deram flores e frutos, mas continuam lá como uma árvore em cima da raiz."

A N E X O S

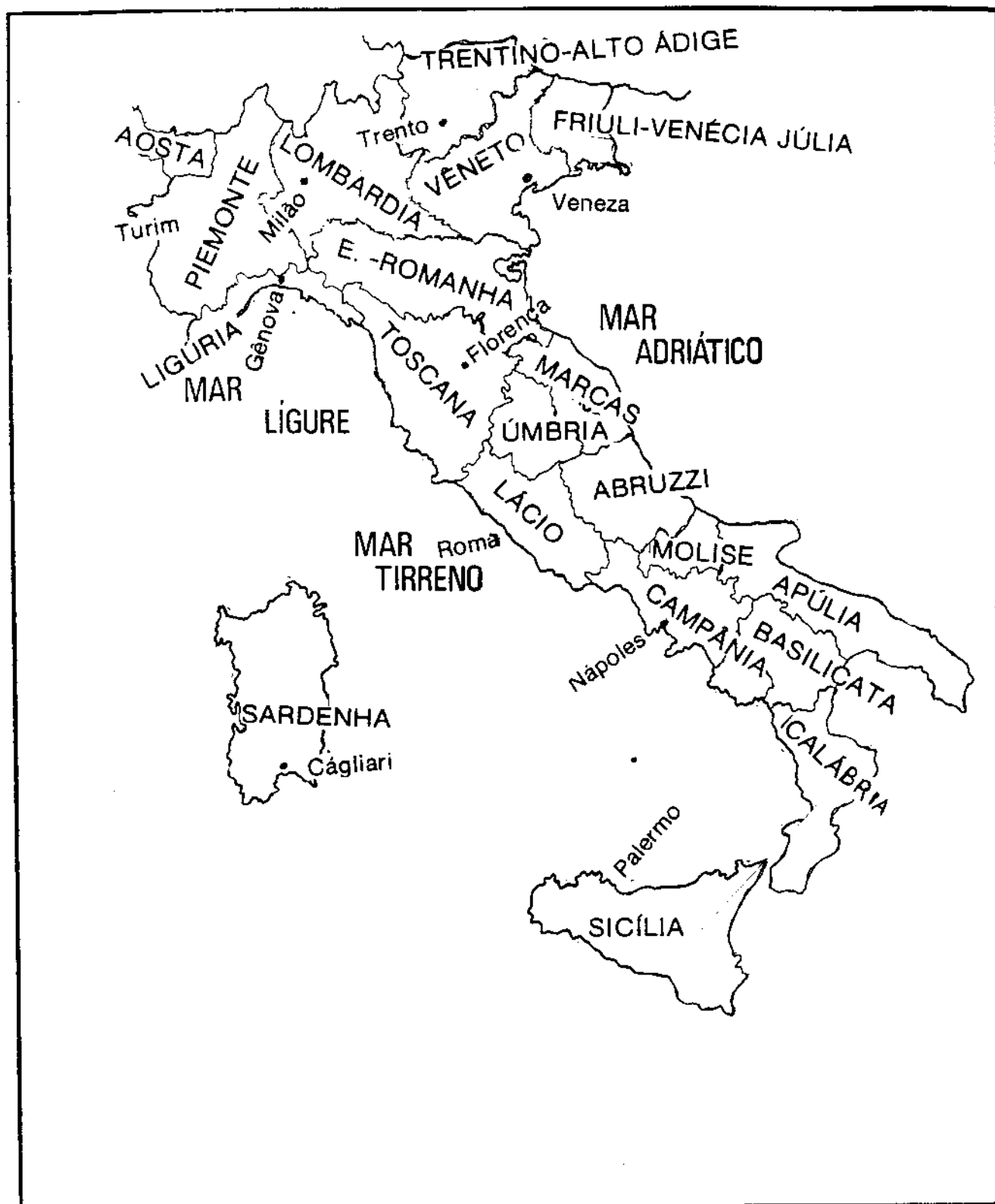
ANEXO I - CRONOLOGIA HISTÓRICA

- 1876 - Em Meano e Romagnano, Província de Trento/Austria, algumas famílias pensam em emigrar; procuram informações.
- 1877,
21 DE JULHO - Partem do Tirol cerca de 70 pessoas.
- Porto de Gênova: Navio "NORD AMERICA"
- 1877,
23 DE AGOSTO - Chegam ao Rio de Janeiro com destino ao Sul do Brasil, onde são contratados pelo administrador da Fazenda Sete Quedas, Campinas - São Paulo, como colonos por um período de nove anos.
- 1881,
04 DE DEZEMBRO - Partem famílias de Romagnano/Trento para o Brasil.
- Navio austriaco "FRANKFOURT"
- Vinda financiada pelo Visconde de Indaiatuba.
- 1881,
24 DE DEZEMBRO - Aportam no Rio de Janeiro e continuam a viagem até Santos - São Paulo.
- 1881,
29 DE DEZEMBRO - Chegam a Santos e partem para Campinas.
- 1881,
31 DE DEZEMBRO - Chegam à Fazenda Sete Quedas - Campinas, onde encontram várias famílias da mesma região do Tirol, algumas aparentadas.
- 1883,
26 DE JULHO - Constituição da fazenda Santana de propriedade do Barão de Serra Negra, Piracicaba - São Paulo. Antiga sesmaria pertencente ao Senador Vergueiro.
- 1888 - Algumas famílias deixam a Fazenda Sete Quedas e rumam para Piracicaba.
- Trabalham como colonos na Fazenda Monte Alegre.
- Família Vitti renova contrato em Campinas por um ano, quando deixa a fazenda e compra um sítio em Rio Claro - São Paulo.
- Sítio Rio Cabeça, sociedade de três irmãos Vitti: Bortolo, João e Albino.
- 1892,
20 DE NOVEMBRO - Dez famílias em sociedade compram a Fazenda Santa Olímpia, a 18 quilômetros de Piracicaba.

- 1893,
01 DE AGOSTO - Família de Bortolo Vitti compra a Fazenda Santana, propriedade do Barão da Serra Negra e vizinha à Fazenda Santa Olímpia.
- 1901 - Morre o patriarca da família Vitti - Bortolo e logo em seguida sua esposa, Marieta.
- 1910 - Partilha da Fazenda Santana entre os filhos de Bortolo Vitti.
- 1922 - Fundação da Escola em uma casa de Santa Olímpia.
- 1923 - Construção da "ESCOLA REUNIDAS DE SANTANA" com cinco salas de aula.
- Serve à população de Santana, Santa Olímpia e Fazenda Negri.
- 1930 - Início da conversação em português.
- 1940, DÉCADA - Entrada efetiva da cana de açúcar.
- Início do fornecimento de cana à Usina COSTA PINTO.
- 1950, DÉCADA - Melhoria de vida nos bairros.
- Maior comunicação campo-cidade.
- Instalação da energia elétrica.
- 1960, DÉCADA - Construção do Poço Artesiano em Santa Olímpia.
- 1970, DÉCADA - Intensa migração para a cidade.
- Arrendamento ou venda das terras a parentes.
- Fase de maior industrialização de Piracicaba - geração de novos empregos.
- Início da Empresa de Ônibus Stenico (Santa Olímpia): transporte para a cidade.
- Maior abertura em educação - cursos noturnos em Piracicaba (transporte de estudantes).
- 1977, AGOSTO - Centenário da imigração dos tirolezes de Santana.
- Historiador escreve biografia romaneada de Bortolo Vitti.
- Início dos contatos com o CIRCOLO ITALIANO em São Paulo.

- 1987, AGOSTO
- 110 anos de imigração.
 - Fundação do CIRCOLO TARENTINO DI PIRACICARA
 - Peça Teatral: "A vinda dos imigrantes".
- 1988, JANEIRO
- Padre Moacyr Vitti ordenado Bispo.
 - Pertencente a família de Santana.
- 1988, JULHO
- Famílias Vitti de Trento/Itália vêm conhecer e visitar famílias aparentadas de Santana.
- 1990, JULHO
- Primeiro Boletim Jornalístico de Santana: "RADICI TARENTINI".
- 1991, MAIO
- VIII Festa das Nações de Piracicaba.
 - Traje tirolês ganha concurso de mais original.
 - Grupo de Dança e Coral de Santa Olímpia se apresentam pela primeira vez.
- 1991, JUNHO
- Santana e Santa Olímpia promovem plebiscito para escolher um candidato em comum para eleições a vereador/92.
- 1992
- Centenário da compra da fazenda Santa Olímpia
- 1993
- Centenário da compra da fazenda Santana.

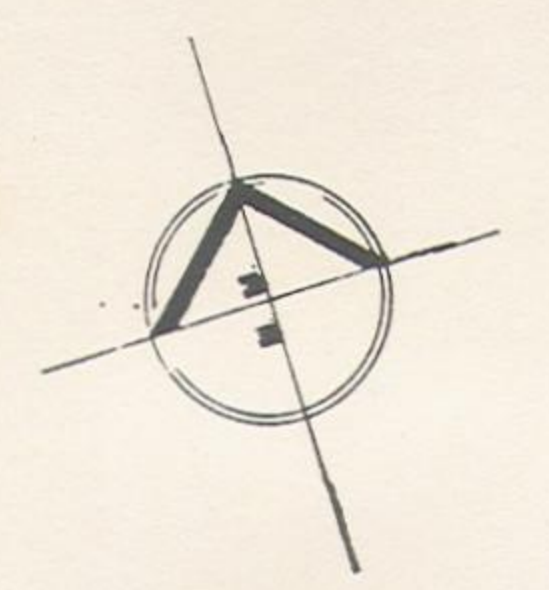
ANEXO II - LOCALIZAÇÃO DA PROVÍNCIA DE TRENTO - ITALIA



ANEXO III - LOCALIZAÇÃO DOS BAIRROS DE SANTA OLÍMPIA E
SANTANA

- MAPA OFICIAL DO MUNICÍPIO DE PIRACICABA - 1983

PLANTA DO MUNICÍPIO DE PIRACICABA



LEGENDA

	ESTRADA ESTADUAL PAVIMENTADA
	ESTRADA MUNICIPAL PAVIMENTADA
	ESTRADA MUNICIPAL DE TERRA
	ESTRADA DE FERRO
	CURSOS D'ÁGUA
	LINHA DE ALTA TENSÃO
	LIMITE DO MUNICÍPIO
	PERÍMETRO URBANO

PROFETOR:
ENR. CIVIL - ADILSON BENEDETO MALUF

SECRETÁRIO MUNICIPAL DE OBRAS E SERVIÇOS URBANOS:
ENR. AGR. JOSÉ FLAVIO MACHADO LEÃO

ESCALA: 1:50,000

Mit dieser Reise:

in die *Reise* *colle gloriose*

Namen und Vornamen. <small>Capitolo e nome</small>	Charakter. <small>Condizione</small>	Parisori. <small>Spazio di anni</small>	Alter. <small>Età</small>	Stand. <small>Stato</small>	Statur. <small>Altezza</small>	Gesicht. <small>Volto</small>	Haar. <small>Capelli</small>
<i>Maria</i>	<i>weglie</i>		<i>1821</i>				
<i>Anna</i>	<i>figli</i>		<i>1859</i>				
<i>Giorgio</i>	"		<i>1861</i>				
<i>Beniamino</i>	"		<i>1863</i>				
<i>Teresa</i>	"		<i>1865</i>				
<i>Egonzo</i>	"		<i>1870</i>				
<i>Carlo</i>	"		<i>1868</i>				
<i>Clavio</i>	"		<i>1877</i>				
<i>Quirino</i>	"		<i>1875</i>				

Si conferma che l'entro nominato dichiarò di svincolarsi dal netto della Cittadinanza Austriaca e di emigrare in America per cui in questo momento la esse non è essere Cittadino Austriaco.

Trento il 21 Agosto 1877

Dott. J. N. Capitanato Dott.



VISTO NESTE CONSULADO GERAL DO BRASIL

BOM PARA a *Brasil*
GIBOIA 01 Julho 1877
Publicoal Geral

Carvalho
1876



Visto 23 de Agosto de 1877

Platten

Ly...

ANEXO V - O DIALETO

Poesia de Luigi Amez (1914-1967), poeta trentino do Vale do Adige. Um exemplo do dialeto utilizado pelos tirolezes de Piracicaba e suas versões na língua italiana e portuguesa. (Extraído das Vozes da poesia do Trentino, a cura de Elio Fox, Provincia Autônoma de Trento, acessorato à Emigração Casa Editrice Panorama - Trento/Itália, (3):40-1, 1988)

El nòs dialèt

El nòs dialèt l'è dur come na zòca
de quele de costéra o de giarón;
el rùdola, 'l screpéza per la boca
con na parola drita o 'n monzegón.

Gh'è drento 'l calcarèl de zento cròzi,
le crèpe dei sguazoni de l'istà;
E a scoltàr ben se sente drént le vózi
dei dòici e dei franzesi che è pasà.

Disente, per esempi, del «smarlòs» (1)
de le galine che le va a «masón»: (2)
così savén che 'l nòs dialet balòs
l'è fat che 'ghe somiglia a 'n minestrón;

en minestrón però conzà polito
e col saór pù bon che 'l salta 'n man:
che 'l te sa dir, con tut el so dirito,
son sóra ensema a l'òio e son taliàn!

E a quei che del Trentin i ne dis tante
così noi ghe stropén ben ben la boca:
a la stazion gh'è fòra 'l pù bel Dante (3)
che del talian l'è stà propri la zòca.

O nosso dialeto

O nosso dialeto é duro como um tronco
daqueles de encosta ou de cascalho;
rola e estoura como um trovão pela boca
com uma palavra direta e um tóco.

Tem dentro o calcário de cem rochas,
e os trovões dos aguaceiros do verão;
e escutando bem se ouvem as vozes
dos alemães e dos franceses que por aqui passaram.

Digamos, por exemplo, o «smarłos» (1),
e das galinhas que vão para à «masón» (2),
assim sabemos que é um dialeto estranho
que é parecido a uma sopa com verduras.

Uma sopa, em todo caso, bem temperada
e o seu melhor sabor sai evidente:
que sabe te dizer, com todo o seu direito,
estou por cima, como o azeite, sou italiano!

E para aqueles que do Trentino motejam,
nesse modo fechamos a boca:
na estação temos o mais bonito Dante (3)
que da língua italiana foi a raiz.

(1) «Smarłos», estropiamento do alemão «Hängeschloss», cadeado.
(2) «Masón» estropiamento do francês «maison», casa.
(3) O monumento ao supremo poeta foi erigido à Trento pela sociedade «Dante Alighieri» para afirmar o domínio da cidade à nação italiana, também se politicamente pertencia à Austria.

IL NOSTRO DIALETTO

*Il nostro dialetto è duro come un ciocco
di quelli di costone o di ghiaione;
rotola e scoppia come un tuono per la bocca
con una parola diritta e un mozzicone.*

*C'è dentro il càlcare di cento rocce,
e i tuoni degli acquazzoni dell'estate;
a stare attenti si senton dentro
le voici dei tedeschi e dei francesi qui passati.*

*Diciamo, per esempio, lo «smarlòs» (1),
e di galline che vanno a la «masón» (2):
sappiamo, insomma, che è un dialetto strano
che è fatto a somiglianza di un minestrone;*

*un minestrone, però, condito bene
e il suo miglior sapore esce evidente:
e ti sa dire, con tutto il suo diritto,
son sopra come l'olio, sono italiano*

*E a color che del Trentino van cianciando,
in questo modo noi chiudiam la bocca:
alla stazione abbiamo il più bel Dante (3)
che dell'italica lingua è stato la radice.*

(1) «Smarlòs», storpiamento dal tedesco «Hängeschloss», lucchetto.

(2) «Masón», storpiamento dal francese «maison», casa.

(3) Il monumento al sommo poeta fu eretto a Trento dalla Società «Dante Alighieri» per affermare l'appartenenza della città alla nazione italiana, anche se politicamente apparteneva all'Austria.

ANEXO VI - BRASÃO DO CIRCOLO TARENTINO DI PIRACICABA



ANEXO VII - APRESENTAÇÃO DE DANÇAS TÍPICAS NO BAIRRO DE
SANTANA - 1987

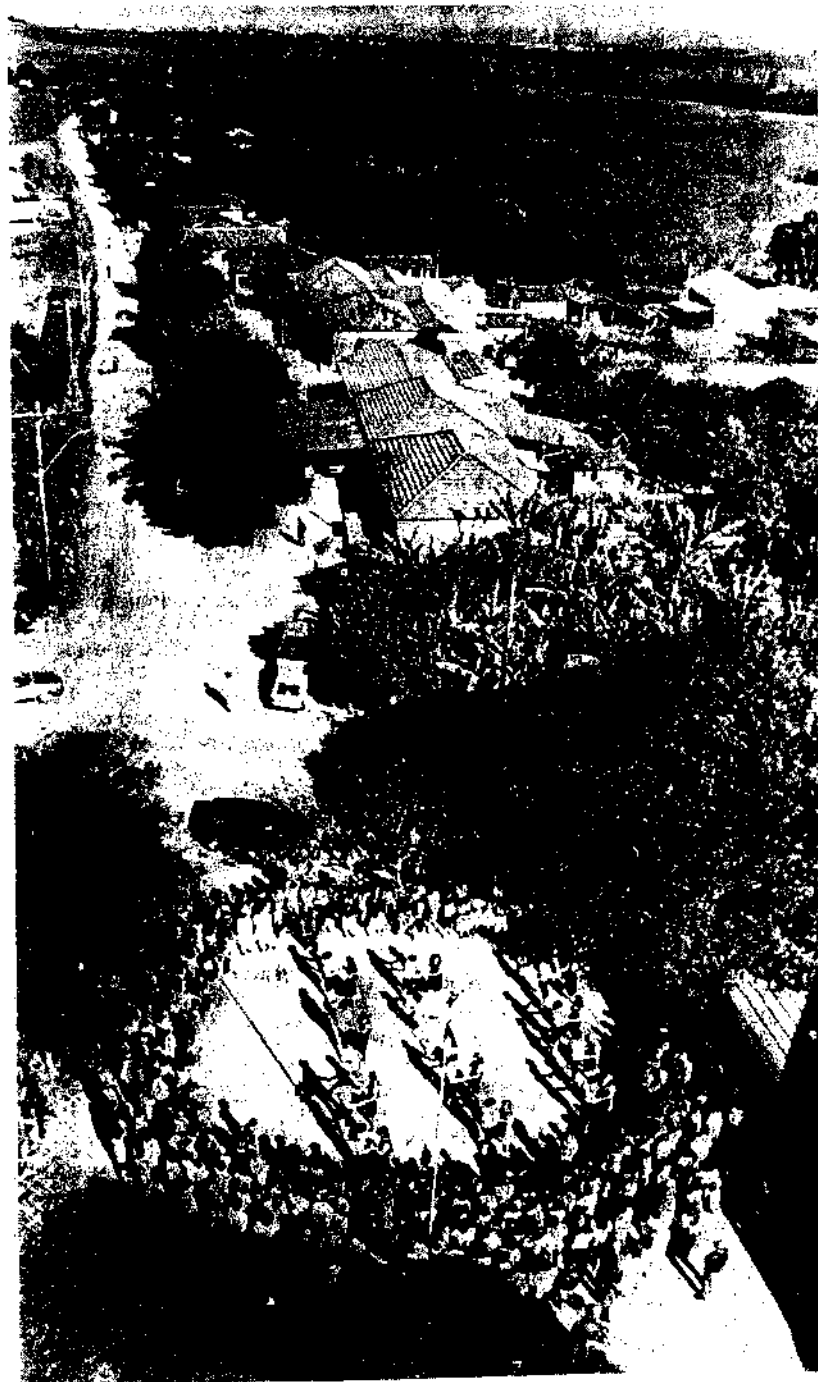
(Em Santana, a festa 'maravilhosa' dos tirolezes. O Diário
de Piracicaba, 28 ago. 1987)



ANEXO VIII - COMEMORAÇÃO DOS 110 ANOS DE IMIGRAÇÃO AO
BRASIL - BAIRRO DE SANTANA - 1987

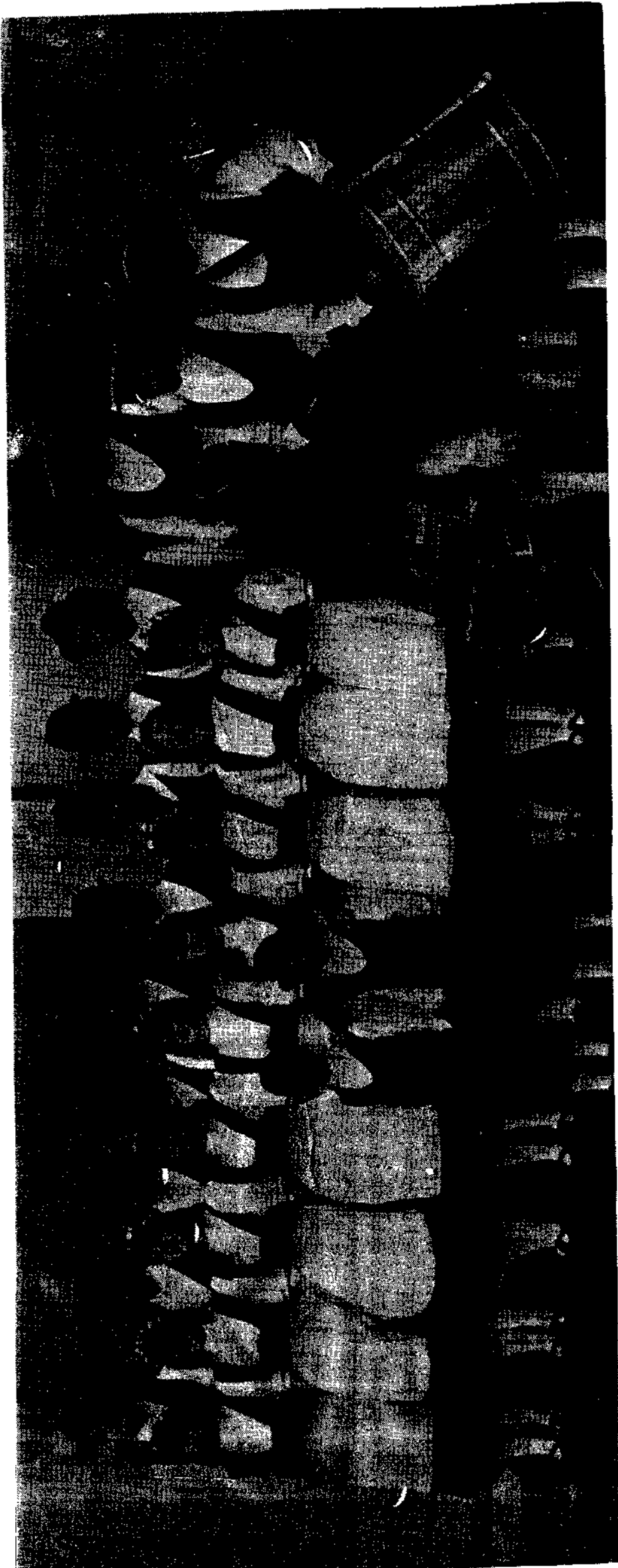
(Em Santana, a festa "maravilhosa" dos tirolezes. O Diário
de Piracicaba, 28 ago. 1987)

Davi Negri



ANEXO IX - GRUPO DE DANÇA FOLCLÓRICA DE SANTA OLÍMPIA - 1991

(A Arte tiroleza em busca das raizes. Suplemento/Jornal de Piracicaba, 14 dez. 1991)



ANEXO X - O TRAJE TIROLÊS

Nas atividades culturais do grupo de música e dança, os tirolezes se apresentam vestidos com os trajes típicos utilizados antigamente por seus "nonos", na região tirolesa onde viviam.

Em 1991, a comunidade tirolesa de Piracicaba participou da VIII Festa das Nações de Piracicaba e a representante da barraca tirolesa se apresentou com um traje tirolês representado pelo vestuário camponês trentino. O traje foi doado ao Circolo Trentino Di Piracicaba por intermédio da Província de Trento e foi apontado no concurso como o mais original.

"Sua descrição começa pelas meias que são confeccionadas à mão, por isso, são difíceis de se vestir. São de lã, devido ao intenso frio da região e são chamadas de "calças do amor". Abaixo do vestido, há um saio para se aquecer ainda mais as pernas, com renda feita à mão em sua barra para maior beleza da peça.

O vestido é longo, por influência dos conquistadores da região do Tirol em outros séculos, preto e de lã, para haver aquecimento no inverno rigoroso. Ele é todo forrado, com uma saia rodada e em sua barra há um barrado interno para que este apareça quando as mulheres dançam em dias festivos para dar maior beleza na roupa. As cores desse barrado são amarela ou vermelha, significando o amarelo que a mulher é casada e o vermelho que a mulher é solteira. Usa-se o cinto largo, chamado de salvacuore e este é bem duro. A blusa branca que se veste abaixo do vestido, tem na sua gola e no punho da manga, rendas confeccionadas à mão pelas próprias usuárias da roupa. Também é de manga longa devido ao frio intenso. O avental, granbiuri, como é chamado pelos tirolezes, é sempre muito colorido nos dias de festas para dar mais alegria à ocasião, com uma fita colorida, sendo essa, se amarela e com laço amarrado nas costas, significa que a mulher é casada e, se vermelha e com laço amarrado na frente, significa que a mulher é solteira. Os sapatos usados são botinas com sola alta, devido a neve, e nos dias de festas, as mulheres usam sapatos de salto, parecidos com botas.

O lenço colorido é colocado nas costas para dar mais vida à roupa em dias de festa, significando que é um dia especial. As flores na cabeça, as camponesas colhem no campo e as colocam no cabelo no momento em que trabalham. O "mazzolin di fiori" é também de flores do campo e é representado como sendo o maço de flor que se colhe durante o trabalho diário e no final da tarde, para se alegrar o dia, é entregue ao seu amor." (Traje tirolês apontado como o mais original. Jornal de Piracicaba, 07 maio 1991)

ANEXO XI - A CULINARIA TIROLESA

A culinária tiroleza é conhecida pela "polenta i pollastro", polenta com frango ao molho. Porém, como dizem os tirolezes, o segredo do prato consiste na galinha que precisa ser caipira.

Na época do Carnaval os tirolezes preparam a "Cucagna", uma polenta enriquecida com todos os tipos de carnes: do bacalhau à linguiça. Esse prato é consumido na terça-feira de carnaval e simboliza a relação entre os tirolezes. Nesse dia, os jovens se pintam e saem pela comunidade recolhendo os ingredientes para enriquecer a "Cucagna"; todos participam da preparação do prato e depois fazem a refeição juntos.

Outro prato tradicional é o "Canederli", uma sopa forte, preparada com "farinha de trigo, miolo de pão amanhecido, toucinho defumado, carne de galinha caipira cozida em pedacinhos, cebola, linguiça, pimenta do reino, sal e orégano. Essa massa é transformada em nhoques graúdos, fervidos num caldo de galinha gorda. Serve-se com uma grossa camada de queijo parmesão." (Folha de São Paulo, 25 dez. 1990)

"Exibem ainda a 'fortais', uma espécie de panqueca doce, e o 'strar goli preti', nhoque com verdura. Não dispensam, de forma alguma, o macarrão, que os italianos chamam de 'macherone' ou 'spaghetti'. Os tirolezes, no dialeto, que carrega nos verbetes austríacos e franceses também, chamam a massa de 'bigóli'. 'Che vöul delle sardele' (que precisa de sardinha), como diz a letra da música mais cantada por essa gente alegre." ('Canederli' enriquece natal dos tirolezes. Jornal de Piracicaba, 25 dez. 1990)

Para acompanhar a culinária tiroleza, usa-se vinho de uva ou de laranja, produzido na própria comunidade, outra tradição dos tirolezes de Piracicaba.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

- ALVIM, Zuleika. Brava Gente! Os italianos em São Paulo - 1870 - 1920. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- AMARAL, José Bonifácio. Introdução ao trabalho livre em Campinas. In: Monografia Histórica do Município de Campinas. Rio de Janeiro, 1952.
- BARBARA NETO, Alfredo. Tiroleses comemoram 110 anos de imigração. O Diário de Piracicaba, Piracicaba, 16 ago. 1987.
- BEIGUELMAN, Paula. A formação do povo no complexo cafeeiro: aspectos políticos. São Paulo, Pioneira, 1977.
- BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. São Paulo, T.A. Queiroz, Ed. Universidade de São Paulo, 1987.
- CORRER, Lino José. Uma história verdadeira. Lar Católico. Piracicaba, 14 fev. 1982 (cromos I a XII).
- COSTA, Emília Viotti da. Da Senzala à Colônia. 2.ed. São Paulo, livraria Editora Ciências Humanas Ltda, 1982.
- DAVATZ, Tomas. Memórias de um colono no Brasil. Trad. Sérgio Buarque de Holanda. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, Ed. da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.
- DE BONI, Luis & COSTA, Rovílio. Os italianos no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, EST - Correio Rio Grandense - EDUCS, 1984.
- DEGASPERI, Francisco Caetano. Recordando a Nossa História. Piracicaba, 1987. (Mimeografado)

- FERREIRA, José Ricardo et alii. A arte biroleza em busca das raízes. Suplemento - Jornal de Piracicaba, 14 dez. 1991.
- FRANCO, Maria Sílvia de Carvalho. Homens livres na ordem escravocrata. 2.ed. São Paulo, Atica, 1974.
- GNACCARINI, José César A. Estado, ideologia e ação empresarial na agroindústria açucareira do estado de São Paulo. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1972. (Tese de Doutorado)
- HALBWACHS, Maurice. La mémoire collective. Paris, Presses Universitaires de France, 1968.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. As colônias de parceria. In: História Geral da Civilização Brasileira - O Brasil Monárquico. São Paulo, Difusão Européia do Livro, Tomo II, 3, 1967.
- IANNI, Constantino. Homens sem paz. Os conflitos e os bastidores da emigração italiana. Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 1972.
- LUCENA, Célia Toledo. Bairro do Bexiga: a sobrevivência cultural. São Paulo, Brasiliense, 1984. (Coleção Tudo é História)
- MARTINS, José de Souza. A imigração e a crise do Brasil agrário. São Paulo, Fioneira, 1973.
- O cativoiro da Terra. São Paulo, HUCITEC, 1986.
- NEME, Mário. Piracicaba no século XVIII. In: Revista do Arquivo Municipal. São Paulo, XLV, 1938.

- Um município agrícola: aspectos sociais e econômicos da organização agrária de Piracicaba. In: Revista do Arquivo Municipal. São Paulo, LVII, 1939.
- História da fundação de Piracicaba. São Paulo, João Mendes Fonseca Ed., 1943.
- NEVES, Delma Pessanha. Lavradores e pequenos produtores da cana. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- PEREIRA, João Baptista B. Italianos no mundo rural paulista. São Paulo, Pioneira, 1974.
- PETRONE, Maria Thereza S. Imigração Assalariada. In: História Geral da Civilização Brasileira - O Brasil Monárquico. São Paulo, Difusão Européia do Livro, Tomo II, 3, 1967.
- A lavoura canavieira em São Paulo. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1968.
- O imigrante e a pequena propriedade - 1824 - 1930. São Paulo, Brasiliense, 1982. (Coleção Tudo é História)
- PIFFER, Alice C. & MENDES, Maria T. A região de Piracicaba. In: Revista do Arquivo Municipal. São Paulo, III, 1944.
- PREZOTTO, Elisabete & VIEIRA, Maria Goretti G. Resgate da memória e transformações culturais de uma comunidade rural italiana: o caso de Santana. Campinas, 1991. (Mimeografado)
- QUEDA, Oriowaldo. A intervenção do Estado e a agroindústria açucareira. Piracicaba, Universidade de São Paulo, 1972. (Tese de doutorado)

- QUEIROZ, Maria Isaura P. Bairros rurais paulistas: dinâmica das relações bairro rural - cidade. São Paulo, Duas cidades, 1973.
- SCARFON, Maria de Lourdes. Crescimento e Miséria. São Paulo, Símbolo, 1979.
- SILVA, José Graziano da. A Modernização dolorosa. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- Progresso técnico e relações de trabalho na agricultura brasileira. São Paulo, HUCITEC, 1981. (Economia e Planejamento. Série Teses e Pesquisas)
- STOLCKE, Verena. Cafecultura: homens, mulheres e capital 1950 - 1980. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- SZMRE CZANYI, Tamás. O planejamento da agroindústria canavieira do Brasil - 1930 - 1975. São Paulo, HUCITEC-UNICAMP, 1979.
- TOMELIN, Victor. Pedagogia do Silêncio: o tamanho do medo. Campinas: Papyrus, Fundação Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 1986.
- TORRES, Maria Celestina T. M. Aspectos da evolução da propriedade rural de Piracicaba no tempo do Império. Piracicaba, Edição da Academia Piracicabana de Letras, 1975.
- VITTI, Guilherme (A). En contadin de Meano che s'ha fat bon brasiliano: io. Centenario dell'immigrazione dei tirolesi del municipio di Piracicaba - Brasile 1877-1977. Piracicaba, 1977. (Mimeografado)

----- (B) A festa de 100 anos de Brasil dos tirolezes.
Jornal de Piracicaba, Piracicaba, 23 ago. 1977.

VON SIMSON, Olga. Org. Experimentos com história de vida -
 Itália-Brasil. São Paulo, Vértice, Editora Revista dos
 Tribunais, 1988. (Enciclopédia Aberta de Ciências
 Sociais, 5)

WANDERLEY, Maria de Nazareth B. Capital e propriedade
 fundiária: suas articulações na economia de Pernambuco.
 Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

----- Trajetória social e projeto de autonomia: os
 produtores familiares de algodão da região de Campinas,
 São paulo. Cadernos do IFCH, UNICAMP, Campinas, (19),
 1988.

WILLEMS, Emílio. Assimilação e populações marginais no
 Brasil: estudo sociológico dos imigrantes germânicos e
 seus descendentes. São Paulo, Nacional, 1940.

----- A aculturação dos alemães no Brasil: estudo
 antropológico dos imigrantes alemães e seus
 descendentes. São Paulo, Nacional, 1946.

WITTER, José Sebastião. A revolta dos parceiros. São
 Paulo, Brasiliense, 1986. (Coleção Tudo é História)